

THOT



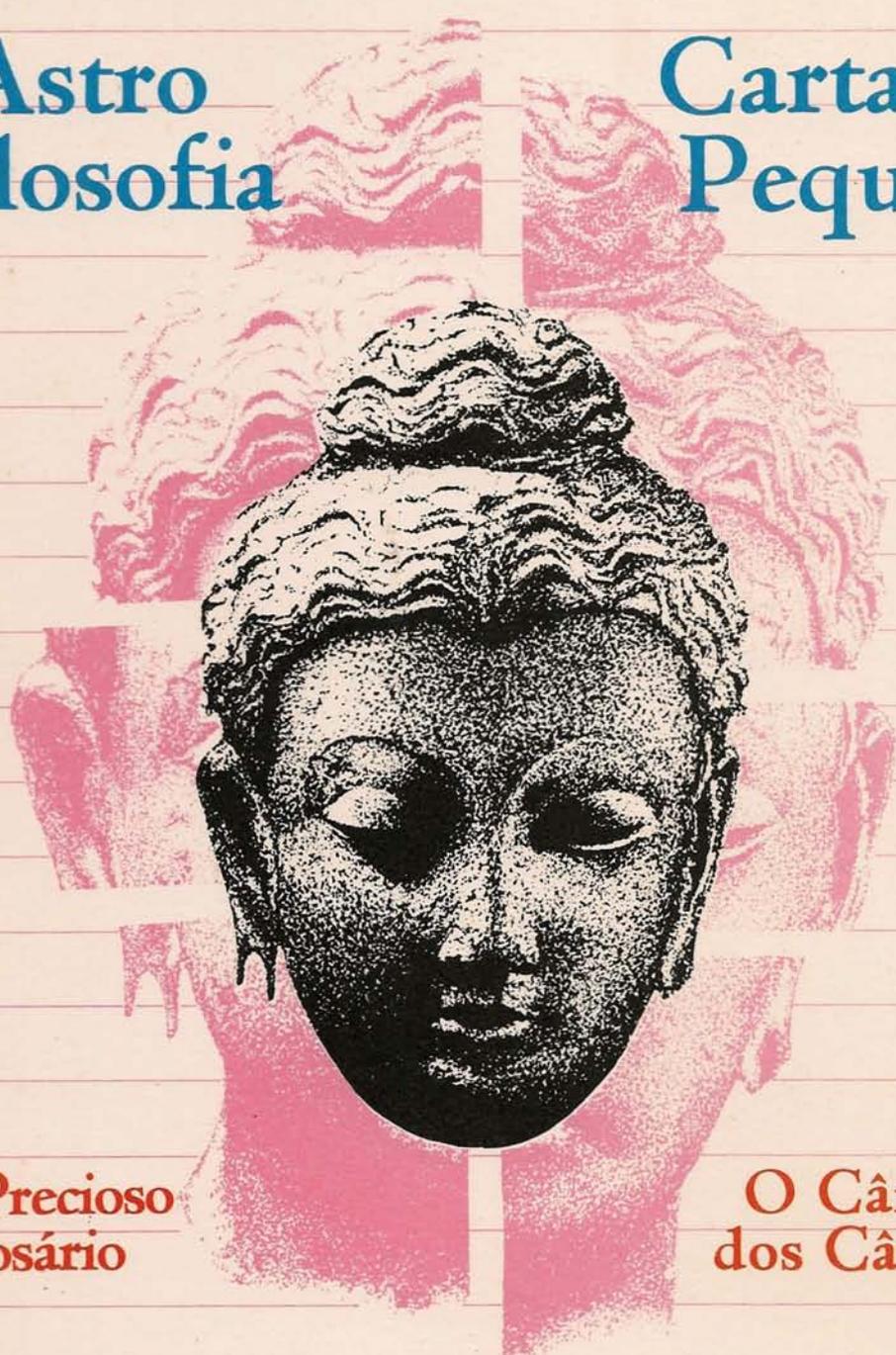
Nº 40

1985

Cr\$ 8.000

Astro
Filosofia

Carta de
Pequim



O Precioso
Rosário

O Cântico
dos Cânticos

O Homem, quem é ele?

PALAS ATHENA

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

SEDE CENTRAL

R. Leôncio de Carvalho, 99
Paraíso – S. Paulo
CEP 04003 – S.P.
Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384
Cambuci – São Paulo
CEP 01523 – S.P.
Fone: 279-6288

**CENTRO PEDAGÓGICO
CASA DOS PANDAVAS**

Bairro do Souza
CEP 12250 – Município de
Monteiro Lobato – S.P.

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**

Rua Dr. Timóteo, 371
cj. 606/607 – Floresta
Porto Alegre – R.S.

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**

Rua Azarias Leite, 15-39
CEP 17100 – Bauru – S.P.



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basilio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Adalberto A. Cabral; Carla Teso; João Fernandes Filho; Maria Inês Facchini; Mary Ester Silva, Sérgio Marques.

REDAÇÃO

Cláudia Giovani Bozza; José Carlos Monteiro; Maria Luci Buff Migliori; Renata De Cesare; Therezinha Siqueira Campos.

EQUIPE THOT

David Cohen; Eduardo Chohfe; Emilio Moufarrige Jr.; Fátima Flores Jardim; George Barcat; Isabel Cristina M. de Azevedo; Lucia Benfatti; Lucia Brandão Saft; Lucy Blumental; Mara Novello; Marcia Souza Teixeira; Marina Moraes; Nilton Almeida Silva.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$ 48.000 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

Editorial	2
"O Homem, Quem é Ele?" <i>Battista Mondin</i>	3
O Precioso Rosário <i>David Cohen</i>	13
O Cântico dos Cânticos <i>Teresa de Barros Velloso</i>	18
Carta de Pequim <i>Ismael Quiles, SJ</i>	21
Astro-Filosofia II <i>Ilse Maria Spath</i>	25
O Haikai <i>Alberto Marsicano</i>	31
A Guerra de Tróia <i>Ignácio da Silva Telles</i>	35



CAPA:

Uma cabeça de Buda, feita em Gandara (uma região atualmente abrangida pelo Paquistão e pelo Afeganistão).

Desenho de Adalberto A. Cabral.

Nosso mundo, composto de significativos paradoxos, está travando uma batalha contra si próprio, batalha esta que se desenrola em inúmeros planos: no político, no religioso, no econômico, no cultural, no existencial e no da linguagem, onde se vêem refletidas as angústias mais profundas, os desencontros, as confusões próprias de um caminhar sem direção. O universo psicológico das pessoas está povoado de frases confusas, distorções semânticas, obscuras digressões, onde campeia a esperança de uma modificação, de uma revolução, de uma orientação que não acontece.

Envolvida nas eventualidades do cotidiano, a linguagem vai se tornando cada vez mais pobre, mais pálida, e, se bem conseguimos sermos precisos no campo da técnica, da ciência e da informática, não conseguimos o mesmo quando temos de nos ater à esfera da natureza e do essencialmente humano. A alma, espírito, sentimento, filosofia, Deus, já não ressoam com um conteúdo vibrante de experiência, parecendo haverem perdido sua vitalidade, seu vigor, e é curioso percebermos que, quanto mais clara se torna a linguagem que enuncia o mundo das coisas, mais turvo surge o enunciado das não-coisas. A ausência de contacto conosco mesmo, a falta de um diálogo íntimo e solitário, distancia-nos a tal ponto que a maioria de nós é estrangeiro de si próprio. As contingências do viver diário ocupam despoticamente o espaço desse tatear-se a si mesmo, única fonte de autoconhecimento e de ponderação dos valores da existência.

As contingências e os fatos jamais têm a mesma dimensão para todos os homens, nem sequer para as diferentes etapas da vida. Entretanto, estes matizes de significado somente podem ser percebidos e experimentados quando ocupamos o reino de nós mesmos. O senso comum, justamente por ser comum, isto é, coletivo, não pode ditar imperativamente as maneiras de sentir, aceitar ou rejeitar uma situação. Permitir que este senso comum delineie o nosso espaço interior, marcando o ritmo a nossos pensamentos e sentimentos, é quase que negar-se a exercer a direção da própria vida.

Engajados numa sociedade onde se louvam os critérios da maioria e onde se busca nos muitos a regra para si próprio, corre-se o risco de se diluir no coletivo, não encontrando mais eco para as inclinações individuais e anseios pessoais. Cada criatura humana tem um compasso particular e, se este compasso não é respeitado, a musicalidade de sua existência termina, cedo ou tarde, desafinando, e a nossa linguagem é o fiel reflexo desse estado. Passamos o tempo justificando-nos, explicando-nos, desculpando-nos pelo que fizemos ou deixamos de fazer, mas toda esta exteriorização através da palavra surge confusa, entrecortada, nublada pela própria cegueira na visão de nós mesmos.

Tendo criado o hábito de aceitar como próprios os ditames da sociedade, aquilo que nos vem de fora, aguardamos passivamente, mas agarrando-nos à esperança de que "alguma coisa aconteça", a chegada de um novo avatar, o surgimento de um novo líder, a descida de anjos e arcanjos, a chegada da era de Aquário... E, se por um lado essa esperança aplaca nossa angústia, por outro nos submerge num marasmo de criatividade, convencendo-nos de que nossas "magras forças" nada podem mudar no espectro do acontecer humano. E, de fato, nada mudará enquanto o homem se refugia no cômodo convencimento de sua fraqueza, porque isto não só é falso, como é blasfemo.

O homem — expressão temporal mas existencial de Deus — possui um leque de poderosíssimas faculdades, de dons infinitos, de criação e recreação. Mas estas coisas lhe passam despercebidas justamente pela falta de contacto consigo próprio, pela omissão em exercer-se a si mesmo com a cota de luz e escuridão com que cada um teve a ventura de nascer. E as portas sempre estão abertas para o homem de coragem, de fé e ousadia.

"O HOMEM, quem é ele?"

*Palestra proferida pelo Rev. Pe. Battista Mondin,
da Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma (Itália), no auditório
da Associação Palas Athena do Brasil, em 6 de agosto de 1985.*



Quem é o homem? esta é a pergunta de todas as perguntas; a pergunta mais empenhativa e mais pungente de todas. É pergunta antiqüíssima, mas sempre nova; pergunta concreta e não abstrata; pergunta pessoal e não genérica; uma interrogação que cada um deve afrontar e resolver acima de tudo, para si mesmo e só secundariamente para os outros, esperando que a solução do enigma humano sirva também para eles.

Apesar dos esforços inumeráveis e imponentes realizados pela mente humana no decorrer dos séculos, o enigma do homem continua a ser o grande mistério, profundo, para o qual nenhum gênio conseguiu ainda apresentar uma solução, clara, peremptória, definitiva.

O homem é para o homem a questão suprema. Que para nós, homens, esta questão: **Quem somos?** seja a questão principal e fundamental é coisa óbvia, porque qualquer outra interrogação, qualquer outra questão (a respeito da terra, do céu, da lua, das estrelas, do ar, da água, dos átomos, dos quarks, etc., até sobre Deus) ganha relevo somente com referência ao nosso ser.

Para o homem saber quem é, qual a sua origem, o seu destino, que consistência tem, sua dimensão interior, qual o sentido de sua existência, qual o valor de sua pessoa, não pode ser coisa indiferente. A indiferença pode surgir em confronto a todos os outros seres (cães, gatos, cavalos, pássaros, anjos, etc.), não com relação a nós mesmos. Do sentido de nossa existência e do valor de nossa pessoa, devemos necessariamente ocupar-nos e preocupar-nos.

Quem é o homem?, esta é a pergunta de todas as perguntas; a pergunta mais empenhativa e mais pungente de todas. É pergunta antiquíssima, mas sempre nova; pergunta concreta e não abstrata; pergunta pessoal e não genérica; uma interrogação que cada um deve afrontar e resolver acima de tudo, para si mesmo e só secundariamente para os outros, esperando que a solução do enigma humano sirva também para eles.

Apesar dos esforços inumeráveis e impo- nentes realizados pela mente humana no decorrer dos séculos, o enigma do homem continua a ser o grande mistério, profundo, para o qual nenhum gênio conseguiu ainda apresentar uma solução clara, peremptória, definitiva. O próprio desenvolvimento enorme que tiveram as ciências humanas nos últimos cem anos e as notáveis descobertas também não contribuíram muito para dissipar os enigmas que envolvem o fenômeno humano. Sobre isso escreveu Heidegger: "Nenhuma época teve como a atual tantas noções variadas sobre o homem. Nenhuma época conseguiu como a nossa apresentar o seu saber sobre o homem de modo tão eficaz e fascinante, nem comunicá-lo de modo tão rápido e fácil. É também verdade que nenhuma época soube menos do que a nossa o que seja o homem. Jamais o homem assumiu um aspecto tão problemático como em nossos dias."¹

Apesar da densa névoa que continua a envolver o mistério do homem, pelo menos uma verdade veio claramente à luz de cada consciência civil nestes últimos tempos: **o valor absoluto da pessoa humana**. Esta é uma verdade que hoje todos

reconhecem e proclamam em alta voz: marxistas e católicos, socialistas e liberais, conservadores e radicais, cientistas e homens políticos, filósofos e teólogos. Todos exaltam a dignidade da pessoa humana, de cada representante individual da espécie humana, independente da cor, da raça, da idade, do sexo, da religião, da riqueza, etc. O homem é um valor altíssimo, valor máximo entre todos aqueles que se oferecem à nossa experiência, valor que merece o máximo respeito, que "é exaltado por si mesmo, não por qualquer outro motivo ou razão: unicamente por si mesmo. Melhor ainda — se afirma — é preciso amar o homem enquanto homem, é preciso reivindicar o amor pelo homem em razão da dignidade particular que ele possui."²

Devemos, porém, fazer a amarga constatação de que, na prática, o valor do homem talvez nunca foi tão grandemente lesado e irracionalmente pisado como nos nossos dias. Disso é prova o número incalculável de criaturas inocentes que são impiedosamente assassinadas no seio das mães, o número da mesma forma impressionante de crianças e adultos que nos países subdesenvolvidos são deixados morrer de miséria e de fome; é também prova a expansão em todos os extratos sociais do egoísmo, da inveja, do ódio, da vingança, da máfia; é prova a distribuição iníqua das riquezas no mundo capitalista e a redução brutal da liberdade no mundo socialista; finalmente, são prova o mar de violência que banha de sangue os bairros populares do Rio de Janeiro e de São Paulo, de Palermo e de Nápoles, de Chicago e de Nova Iorque, de Marselha e de Paris, de Londres e de Glasgow, transformando-os em campos de batalha onde se combate contra inimigos quase sempre invisíveis, que buscam o extermínio daqueles que atrapalham seus interesses e seus planos de conquista (do mercado, da escola, do poder político, do sindicato, etc.).

Esta situação terrível e assustadora justifica a tese daqueles sociólogos, os quais afirmam que a humanidade está entrando numa nova "barbárie", talvez mais desoladora que a barbárie que tumultuou a Europa durante o baixo período medieval, e que um novo, tremendo apocalipse se anuncia enquanto a humanidade se prepara para atravessar a porta do dois mil.

Mas, é verdade que não existe nenhuma saída para esta trágica situação? A humanidade está verdadeiramente perdida? Devemos resignar-nos a chorar uma idade de ouro que não mais voltará a reflorir sobre o nosso maravilhoso planeta?

No atual colapso de todas as ideologias (marxismo, freudismo, existencialismo, neopositivismo, vitalismo, cientismo, etc.) que tinham exaltado

o valor do homem além da medida e haviam prometido conduzi-lo aos máximos níveis de liberdade, felicidade e bem estar, existe quem se deixa tomar pela angústia ou desespero, ou pelas reduções do niilismo; existe quem busca fugir batendo à porta do paraíso artificial da droga; existe quem acolhe com renovada confiança a mensagem evangélica do homem novo, reproposta com coragem e vigor por João Paulo II; existe, ainda, quem, sem deixar de ouvir as alegres verdades evangélicas, quer colocar as premissas para a construção de uma nova sociedade, recuperando no plano racional a integridade do valor homem. Esta é premissa indispensável para que o valor homem esteja acima daquele grupo de valores que é absolutamente necessário recuperar se se quer seriamente a construção de uma nova sociedade, mais livre, mais justa, mais pacífica.

Há muitos anos, esta instância me fez conduzir e efetuar um estudo mais aprofundado da realidade humana, daquilo que a caracteriza propriamente, do sentido de nosso existir e do valor de nosso ser, recorrendo sobretudo aos recursos da filosofia, que são os da razão pura, uma razão que, além do mais, não despreza verdades congênicas, que lhe são apresentadas pelo cristianismo.

Na presente ocasião, traçarei uma exposição sintética das conclusões mais significativas a que cheguei nos volumes: *L'Uomo, chi è?* (1975), *Umanesimo Cristiano* (1980), *Antropologia Filosófica* (1983), *Il valori fondamentali* (1985), *Una nuova cultura per una nuova società* (1982).

2 — O homem, ser cultural

A filosofia clássica (Platão, Aristóteles, Zenon, Plotino, etc.) considerava o homem como um ser natural: constituído de uma essência imutável que lhe foi dada pela natureza, da qual lhe derivam não só as leis biológicas, mas também os ditames morais. "Age segundo a natureza", era o imperativo categórico da filosofia grega. Era claramente uma concepção estática do homem, fundada no primado do intelecto sobre a vontade, da contemplação sobre a práxis, da natureza sobre a história.

A filosofia moderna realizou uma mudança radical. Não mais vê no homem um parto da natureza, mas, ao contrário, um produto de si mesmo. O homem é um artífice de si mesmo. É a tese de Hegel, de Nietzsche, de Sartre, de Heidegger e da maior parte dos modernos. É uma concepção "historicista" do homem, baseada no primado da liberdade sobre a inteligência, da práxis sobre a teoria, da existência sobre a essência, da história so-

**Grande parte daquilo que nós possuímos,
e que fazemos desde criança,
não é fruto da natureza, mas da cultura.**

**Esta é a característica mais marcante,
aquela que mais distingue o homem dos
animais e das plantas.**

**Diferentemente dos outros seres vivos,
cujo ser é inteiramente produzido,
pré-fabricado pela natureza, o homem é,
em larga medida,
o artífice de si mesmo.**

bre a natureza. No plano moral não existe nenhum outro imperativo que não seja o de traduzir em ato as próprias possibilidades (a própria potência).

Entre estas duas posições antitéticas existe uma via de meio, a que considera o homem nem como ser natural, nem como simplesmente ser histórico, mas como ser cultural. O homem não é totalmente produzido pela natureza e nem pela história, mas uma parte pela natureza e outra pela história, e este amálgama entre a natureza e a história é obra da cultura

Nem todo o homem é criado pela cultura. Muito do que está nele pertence à natureza. Toda a sua dimensão somática e biológica é produzida diretamente pelas forças da natureza. Aquele pequeno ser humano que vem à luz depois de nove meses de gestação é fruto das leis genéticas que a natureza inscreveu nos corpos dos genitores. Os organismos e faculdades de que são munidos tanto a criança como o adulto vêm da natureza; também um grande número das atividades somáticas e psíquicas que nós desempenhamos dependem das leis da natureza; por exemplo a digestão, a respiração, as batidas do coração, a circulação do sangue, os movimentos involuntários com os quais respondemos a estímulos ou a manifestações nocivas, como quando fechamos os olhos diante de uma luz muito forte, etc., "... aqui não sou efetivamente "eu" que ajo, mas um "sujeito-coisa" em mim mesmo e em torno de mim: o meu sistema psicossomático, o ambiente natural e sociológico, a situação histórica, tudo o que se realiza sem a minha cooperação".³

Grande parte, porém, daquilo que nós possuímos, e que fazemos desde criança, não é fruto da natureza, mas da cultura. Esta é a característica mais marcante, aquela que mais distingue o homem dos animais e das plantas. Diferentemente dos outros

seres vivos, cujo ser é inteiramente produzido, pré-fabricado pela natureza, o homem é, em larga medida, o artífice de si mesmo. Enquanto as plantas e os animais recebem passivamente o ambiente natural que os circunda, o homem é capaz de cultivá-lo e transformá-lo profundamente, adequando-o às próprias necessidades.

A cultura não é um vestido que se pode pôr ou tirar, segundo o gosto; não é algo de acidental ou secundário, mas é algo próprio do homem: ela faz parte da natureza humana, é um elemento constitutivo de sua essência. Sem a cultura não é possível nem a pessoa nem o grupo social.

No passado, para distinguir o homem dos outros seres, levava-se em consideração a razão, a vontade, a liberdade, a linguagem, a técnica, a religião, etc. Hoje se compreende que um aspecto, um traço, uma dimensão não menos específica do homem é a cultura, a qual é preferida às dimensões tradicionais, na medida em que abrange todas elas.

Para falar da cultura usaremos duas expressões: "cultura antropológica" e "antropologia cultural". A primeira servirá para tratar do homem enquanto suscetível de cultura, enquanto é cultivado (educado) ou cultiva ele mesmo o próprio ser, segundo um próprio projeto de humanidade. Usaremos a segunda expressão para tratar da cultura enquanto forma da sociedade.

3 — O homem, projeto aberto

Cultura é, por definição, tudo aquilo que é fruto da inventiva e da iniciativa, da inteligência e do trabalho do homem. Tarefa primeira, essencial e fundamental da cultura, não é construir casas, máquinas, trens, navios, aviões, bombas, em outras palavras, construir o mundo; sua tarefa principal é construir o homem, isto é, realizar um projeto de humanidade que seja adequado à dignidade da pessoa.

O homem, como vimos, não é um edifício pré-fabricado, como freqüentemente se faz hoje com as casas, escolas, igrejas. Ele deve, ao invés, construir-se com suas próprias mãos. Brota aqui uma questão difícil: para tornar-se plenamente homem, existe um projeto no qual se possa confiar com certeza? É possível fixar a linha da configuração humana, determinar o que deve tornar-se o homem, ou o que deve fazer a fim de realizar plenamente a si mesmo?

Historicamente cada sociedade construiu para si um projeto humano, um ideal de humanidade sob o qual formar os próprios cidadãos. A Grécia

homérica tinha como ideal o herói; a Grécia de Platão, o filósofo; a Grécia helenística e a Itália de Cícero, o orador; a república cristã da Idade Média, o cavalheiro; a Itália do Renascimento, o literato e o artista; a França iluminista, o filósofo; a Alemanha nacionalista, o militar, etc. A trágica situação da nossa época é que não temos mais nenhum projeto de humanidade para propor. Esta é a razão primeira do desvirtuamento assustador e a causa do desespero terrível que aflige a nossa juventude: ela ficou, por culpa nossa, sem ideais para perseguir, sem projetos de verdadeira humanidade para realizar.

Segue-se daqui uma conclusão bastante óbvia, mas que, apesar da evidência dos fatos e tantas considerações desconsoladas, poucas pessoas se mostram dispostas a admitir seriamente: o que é mais urgente para nossa sociedade não é descobrir novas fontes de energia, pôr um freio à poluição do ar e da água, realizar o controle da natalidade, ou outras coisas do gênero, mas recuperar o valor do homem, o seu valor absoluto como pessoa (que é completamente diferente do seu valor econômico, político, social, esportivo, etc.) e depois propor um projeto-homem e um plano de educação que torne possível a cada um a plena realização de si mesmo. Para sair do caos moral, político, social, cultural no qual somos precipitados, é urgente redescobrir a verdade do homem, o sentido de sua existência, o valor de sua pessoa, as linhas essenciais de sua configuração.

Aqui emerge a importância da Antropologia filosófica se se visa confiar, sobretudo, nos recursos da razão para determinar o projeto sobre o qual propor o cultivo e a construção do homem. Cabe, de fato, à Antropologia filosófica e não às ciências particulares responder às grandes interrogações que se referem ao ser do homem, à sua primeira origem e ao seu fim último.

No volume *O Homem, quem é ele?*, tracei as linhas essenciais de uma Antropologia filosófica, examinando as diferentes atividades humanas: vida, conhecimento, linguagem, técnica, trabalho, jogo, cultura, política, religião. Coloquei em luz um aspecto que todas essas atividades têm em comum: a autotranscendência. Em tudo o que pensa, quer, faz, diz, realiza, consegue, o homem nunca está contente consigo mesmo; está sempre insatisfeito, busca sempre seguir adiante para alcançar metas mais elevadas.

Este movimento incessante de autotranscendência atesta duas verdades. Primeira, que o homem é um projeto aberto e indefinido, suscetível das mais variadas explicitações e definições; segunda,

**A autotranscendência humana
se move na direção do infinito e do eterno,
porque só nesta direção o homem consegue
a plena realização de si mesmo.**

**Deus é o agente propulsor e,
ao mesmo tempo,
o último confim da autotranscendência.**

**A abertura infinita
de que esta autotranscendência
é assinalada**

**é uma abertura que só Deus
pode fechar e sigilar.**

**Por isso o homem vai além
de si mesmo:**

o verdadeiro sentido do homem é Deus.

que o homem — como escreveu São Tomás — é *capax infiniti*; de fato, na configuração tem uma abertura sem limites que toca o horizonte do infinito e do eterno.

Querendo determinar o sentido da configuração humana e o valor da pessoa, ocorre partir destas duas verdades: a autotranscendência e a abertura infinita. Praticamente, apesar da variedade da linguagem, é o que buscaram fazer os filósofos de todos os tempos; é porém mérito, sobretudo dos filósofos contemporâneos, a procura de obter uma compreensão plena da realidade humana mediante o estudo do fenômeno fundamental da autotranscendência.

4 — Sentido da configuração humana: o homem, imagem de Deus

Esquemmatizando as principais soluções alcançadas pelos filósofos para o problema da autotranscendência, podemos reduzi-las a quatro: niilista, egocêntrica, sociocêntrica e teocêntrica.

Solução niilista — afirma que o esforço do homem em ir sempre adiante, em progredir, em aperfeiçoar-se, em obter uma plenitude de humanidade, está destinado à falência completa. Quando ele menos espera, é truncado pela foice inexorável da morte.

É pior, especialmente, para quem vive empenhado na realização de um alto projeto de humanidade, pois cada momento de sua vida é assinalado pelo fracasso, falta de ideal, aspirações falidas, possibilidades desesperadas, obstáculos insuperáveis. Circundado e prisioneiro num mundo assinalado pelo não-senso “o homem se torna uma paixão inútil” (Sartre). Não afloram raios de esperança no horizonte futuro do homem. Sua vida, sem nenhum sentido, debate-se entre a náusea e o desespero e por fim acaba com a morte. Esta solução, já apresentada por vários filósofos existencialistas (Sartre, Merleau-Ponty, Heidegger), depois foi retomada pelos estruturalistas (Lévi-Strauss, Foucault). Hoje encontra crédito em todos os ambientes nos quais se professa um niilismo generalizado.

Solução egocêntrica — diz que o objetivo da autotranscendência é o aperfeiçoamento do próprio sujeito que se autotranscende, isto é, o homem. Este, na vida presente, encontra-se numa situação alienada, decaída, inautêntica, cheia de defeitos e de miséria. Ao mesmo tempo, porém, existe nele um desejo, uma tensão de desligar-se das cadeias da ignorância, do erro, do medo, das paixões, da decadência. O esforço de autotranscendência não visa a ser inserido e imerso em qualquer outro ser distinto do sujeito que se autotranscende, porque neste caso se cairia numa alienação pior que a primeira.

O escopo e, por isso, o sentido da autotranscendência é encontrar-se a si mesmo mediante a conquista de um ser mais verdadeiro, mais autêntico, mais próprio, galgando uma atuação mais plena das próprias possibilidades.

Já prospectada pela filosofia grega e da Renascença, a solução egocêntrica foi retomada e desenvolvida pela filosofia moderna e contemporânea, sobretudo pelos vitalistas (Nietzsche, Spengler), pelos psicanalistas (Freud, Fromm), pelos neopositivistas (Ayer, Ryle).

Solução sociocêntrica — a autotranscendência é um movimento de superação dos confins da individualidade e do egoísmo, uma tentativa de criar uma nova humanidade livre das misérias individuais e das desigualdades sociais, em condições de conseguir a perfeita felicidade. De fato, aquilo que ao indivíduo não será nunca permitido conseguir, isto é, a plena humanização de si mesmo, com o esforço de inúmeras gerações, será alcançado por uma sociedade futura: a sociedade sem classes, na qual reinarão soberanas a justiça, a liberdade, a paz e existirá felicidade para todos. Esta solução patrocinada por Augusto Comte, Marx e Engels e professada por todos os seus discípulos, foi retomada e reproposta

exatamente na linguagem da "transcendência" pelos máximos expoentes do neomarxismo: Bloch, Marcuse, Garaudy.

Solução teocêntrica — o homem sai incessantemente de si mesmo e ultrapassa os confins da própria realidade porque é atraído por um pólo superior: Deus. Este, graças a sua magnificência, bondade, perfeição, onipresença, polariza sobre si mesmo todas as criaturas, particularmente o homem. A autotranscendência humana se move na direção do infinito e do eterno, porque só nesta direção o homem consegue a plena realização de si mesmo. Deus é o agente propulsor e, ao mesmo tempo, o último confim da autotranscendência. A abertura infinita de que esta autotranscendência é assinalada é uma abertura que só Deus pode fechar e sigilar. Por isso o homem vai além de si mesmo: o verdadeiro sentido do homem é Deus. Ele só pode assinalar os confins da configuração humana e, ao mesmo tempo, dar ao homem as forças para levá-la a cabo.

Por esta solução lutaram pensadores de todos os tempos: Pitágoras, Sócrates, Platão, Zenon, Plotino, na Antiguidade clássica; Agostinho, Boécio, Tomás de Aquino, Alberto Magno, Boaventura, Scoto, na Idade Média; Descartes, Malebranche, Pascal, Leibniz, Kant, Rosmini, na Idade Moderna; Bergson, Blöndel, Maritain, Scheler, Buber, Rahner, na Idade Contemporânea.

Nenhuma destas quatro soluções pode ser aceita ou rejeitada com leviandade, porque o que se aposta é muito alto: é o sentido de nossa inteira existência e, conseqüentemente, a direção de nossa práxis é o que está em jogo. Nesta ocasião nos falta todavia o tempo para efetuar um exame e uma verificação detalhada e profunda de cada uma das soluções. Limitar-me-ei a poucas observações de fundo.

Apesar dos múltiplos sinais de insensatez que circundam a vida humana, a tese niilista que tira todo o sentido do movimento de autotranscendência que caracteriza o agir humano aparece como claramente contraditória. Antes de tudo é contraditória pela atitude normal do próprio niilista, que não realiza nunca nenhuma ação insensata. Ele age sempre com finalidades bem precisas: quando fala, quando trabalha, quando viaja, quando come, quando joga, quando lê, quando paga os impostos, etc. Ora, estes fragmentos de senso fazem parte e se inscrevem num universo de senso muito mais vasto: aquele universo no qual se coloca a vida humana na sua totalidade. Por isso não se pode negar um senso ao conjunto da existência e, ao mesmo tempo, reconhecer um senso a cada fração individual. Em segundo lugar, o niilismo

é contradição do comum reconhecimento do valor absoluto da pessoa humana: algo que tem um sentido pleno em si mesmo e, por este motivo, não pode ser instrumentalizado, manipulado, mortificado.

Muito melhor e muito mais próxima à verdade é a solução egocêntrica. Ela é válida nos limites daquilo que afirma enquanto reconhece que o homem supera constantemente a si mesmo, não para desfazer-se do próprio ser, mas para realizá-lo mais plenamente. O homem quer alcançar novos níveis de conhecimento, novos graus de cultura e de bem-estar, sem jogar fora o que já conhece, pode e possui. A autotranscendência não é imolação de si mesmo em vantagem de qualquer outro: é antes de tudo, e sobretudo, busca de um ser pessoal mais perfeito. A solução egocêntrica permanece, contudo, sem resolução. Como se poderá levar a cabo o processo de uma mais completa realização de si mesmo, de uma perfeita humanização, já que esta tarefa é confiada exclusivamente à iniciativa e capacidades do homem? A experiência nos ensina que, na maior parte dos casos, nossos esforços são sistematicamente frustrados: não conquistamos nunca o saber, nem o ter, nem o poder, nem o prazer e ainda menos o ser que queremos. Então, a autotranscendência se torna um esforço insensato e vão, uma "paixão inútil", como afirmam os niilistas?

A solução niilista, como se viu, é errada e contraditória. A egocêntrica é inadequada. Ela não atende às implicações ontológicas que estão implícitas no fenômeno da autotranscendência: estas se referem não somente ao senso da direção (que num certo ponto de vista é sem dúvida o homem, como afirmam os que sustentam a solução egocêntrica), mas também à natureza do ser que se autotranscende. O que implica para o próprio ser do homem este seu espaçar infinito além de todos os horizontes cósmicos e de todos os cálculos temporais, esta sua abstração além de todos os confins, todos os horizontes materiais? Não nos encontramos aqui diante de um claríssimo indício da espiritualidade de seu ser ou, ao menos, de sua parte fundamental? Se não se colhem as implicações ontológicas que a autotranscendência comporta para o ser do homem, dificilmente se poderá descobrir qual é seu último parâmetro.

Também a solução sociocêntrica compreende algum aspecto positivo. Em particular, o movimento de superação de si mesmo tem também uma dimensão social, pois o homem é essencialmente sociável. De fato, é todo o homem, como indivíduo e como ser sociável, que se autotranscende e que se move em direção a uma mais completa humanização.

O reconhecimento, contudo, de que a autotranscendência reveste também uma dimensão social não significa, de fato, excluir que ele comporte também um componente pessoal. Tudo quanto foi afirmado pela interpretação egocêntrica não pode ser deixado de lado como fazem todos os marxistas, tanto os do velho modelo como os de cunho novo (os revisionistas), e isto por uma razão bastante óbvia, que é a seguinte: mesmo admitindo (ainda que isso seja bastante improvável) que num distante futuro, o homem, no seu progressivo autotranscender-se, alcance um nível de perfeita realização de si mesmo e das próprias necessidades, isso não apresenta resposta alguma ao problema (que é certamente prioritário) da própria autotranscendência pessoal. Realmente, nenhuma comunidade histórica organizada, nenhuma economia, nenhuma política, nenhuma cultura humana consegue satisfazer as exigências de totalização das pessoas que encontra expressão na autotranscendência. Por este motivo, assinalar ao movimento de autotranscendência metas fascinantes e espetaculares (tais como a sociedade perfeita, a sociedade sem classes, o reino dos fins, etc.) que, quando muito, poderão ser conseguidas em época muito distante de nós, como fazem Kant, Marx, Comte, Bloch e tantos outros, significa deixar completamente desatendidas e desiludidas as esperanças reais dos homens de hoje.

A necessidade de que o movimento de autotranscendência tenha um sentido, e a constatação, ao mesmo tempo, de que as três soluções que tomamos para exame: niilista, egocêntrica e socio-cêntrica, são incapazes de assegurá-lo de modo satisfatório, constitui, já de per si, um forte argumento em favor da quarta solução: a solução teocêntrica. A autotranscendência, que manifesta um impulso para o infinito e para o eterno, tem um sentido enquanto se dirige para Deus, que é ao mesmo tempo sua fonte e também sua realização conclusiva. É só porque sai de Deus que pode ter uma marca infinita, e justamente porque sai de Deus, possui uma carga infinita, e de Deus receberá também a realização que lhe convém. Portanto, o homem não sai dos confins do próprio ser para afundar no nada, mas sai de si para mergulhar em Deus, que é o único ser capaz de conduzir o homem à perfeita e perene realização de si mesmo. "É necessário reconhecer que o lançar-se para o Ideal não é possível e não tem significado se não por causa da presença, que atrai e que aspira, do Ideal subsistente ou, para dar-lhe o nome sob o qual invoca a consciência religiosa, de Deus. É Ele e Ele só — o Outro Absoluto e fonte de minha ipseidade — que mesmo dando-me a mim mesmo, me arranca do meu eu; é a presença que

introduz em mim um princípio de tensão interior e de ultrapassagem."⁴ Assim, longe de fundar o Ideal, a mente humana e o próprio homem encontra no Ideal seu último fundamento.

Por isso cometem um grave erro os filósofos (marxistas, positivistas, existencialistas, historicistas, etc.), que contrapõem a transcendência horizontal (histórica) e a vertical (metafísica) como se se tratasse de duas tensões antagônicas, quando, ao invés, existem motivos fundados para crer que a primeira transcendência adquire sentido e realidade somente em conexão com a segunda. O próprio Merleau-Ponty julgou estulta a tentativa de contrapor transcendência horizontal e vertical, atribuindo à primeira o que se tira à segunda e concebendo a história como "potência exterior", da qual o homem não seria mais que um instrumento sem substância interna. "Nunca foi típico de nenhuma filosofia", assegura Merleau-Ponty, "a escolha entre as transcendências — por exemplo, a de Deus e a do futuro humano — ao contrário, é esforço constante de cada filosofia mediar tais transcendências."⁵

5 — O valor absoluto da pessoa

Aqui devemos, porém, precisar que, se de um lado a solução teocêntrica satisfaz plenamente a busca de sentido que se acha escrita em claras letras na autotranscendência, por outro lado, tal solução, sozinha, não basta para iluminar sobre o estatuto ontológico e sobre o valor da pessoa humana. Seu estatuto ontológico que atinge o nível do espírito e seu absoluto valor não podem ser garantidos só extrinsecamente por decreto divino, mas requerem propriedades intrínsecas ao ser do homem.

**O homem se impulsiona
constantemente além dos
confins espaço-temporais que o circundam,
sobrevoa o mundo inteiro da experiência,
avalia e julga o presente e o passado
e pode também prefigurar e programar
seu futuro, porque leva em si
um elemento de imaterialidade,
de espiritualidade,
porque possui uma dimensão interior
de natureza espiritual:
a alma, a mente, o espírito.**

O argumento é tirado mais uma vez da autotranscendência. Nele se englobam e resumem os múltiplos argumentos que, de Platão em diante, os filósofos adotaram para sustentar a substância espiritual que habita o homem e da sua perseverança perene no ser, além das sortes passageiras que acompanhavam a sua dimensão corpórea: o conhecimento universal, a autoconsciência, a reflexão, o raciocínio, a liberdade, a comunicação, o desejo natural do bem absoluto, etc. Com efeito, todas estas expressões de espiritualidade que caracterizam o agir humano levam o sinal da autotranscendência. Esta se torna, portanto, o documento mais importante e decisivo do fato de que o ser do homem não pode reduzir-se totalmente à matéria e às suas forças, ao contrário, ele abraça, além da dimensão corpórea, somática, material, também uma dimensão não corpórea, não somática, não material, isto é, uma dimensão espiritual, porque não se pode compreender e explicar como uma realidade possa continuamente superar a si mesma em tudo o que faz, pensa, diz e quer, e ainda conseguir estabelecer hipóteses para si, para a sociedade e para o mundo inteiro — condições de vida que, prescindindo do tempo e da matéria, do espaço e da quantidade, realizam todas as condições de aperfeiçoamento possível — se ela mesma é sujeita às categorias do tempo, do espaço, da quantidade e da matéria. **Somente uma realidade imaterial e espiritual pode fazer isso.** O homem se impulsiona constantemente além dos confins espaço-temporais que o circundam, sobrevoa o mundo inteiro da experiência, avalia e julga o presente e o passado e pode também prefigurar e programar seu futuro, porque leva em si um elemento de imaterialidade, de espiritualidade, porque possui uma dimensão interior de natureza espiritual: a alma, a mente, o espírito. Apesar das aparências que exercem uma forte inclinação para a dimensão material, corpórea, somática, e apesar das diabólicas mistificações de uma cultura leiga que busca com todos os meios estender um vasto véu de fumaça sobre a esfera do espírito, ela é a que no homem mais conta. O homem é, antes de tudo e sobretudo, um ser espiritual, um “espírito encarnado”, na bela expressão de Gabriel Marcel. O ato de ser que cada um de nós goza pessoalmente de modo exclusivo e incomunicável é um ato de ser espiritual, sendo o ato de ser de nossa alma. Esta, graças a sua natureza espiritual, não pode receber o ato de ser senão do espírito. A alma não pode derivar o seu ser do corpo, da matéria, mas o obtém diretamente de Deus, quem através da alma, faz também o corpo partícipe do ato de ser, corpo do qual a alma se torna forma.⁶

O espírito, a alma, é a dimensão mais própria do homem, por isto ele tem valor absoluto e

não simplesmente instrumental. O valor absoluto do homem está no espírito. Se não o situamos no espírito, é totalmente arbitrário e gratuito considerar o homem um valor absoluto, e sua própria autotranscendência permanece sem uma fundamentação ontológica intrínseca. Enquanto que, graças ao espírito, o homem reveste um valor absoluto também em sede ontológica, porque o espírito não se extingue.

Mas, qual é o conteúdo do espírito, assim como podemos colhê-lo em nós mesmos que somos os felizes possuidores?

Em primeiro lugar, o espírito é subjetividade, interioridade; ele é dotado da capacidade de olhar em direção às coisas, ao mundo, mas sobretudo, tem o poder de olhar em direção a si mesmo: o espírito é conhecimento e autoconsciência. Em segundo lugar, o espírito é emergência; emerge prepotentemente de todos os seres que lhe estão ao redor: minerais, plantas, animais. Ele pertence a um mundo diverso daquele das coisas que o circundam: um mundo assinalado mais pela cultura que pela natureza, o mundo da linguagem, dos costumes, da poesia, da ciência, da política, da música, do trabalho, do amor, etc. Em terceiro lugar, o espírito é transcendência: supera continuamente a si mesmo, impulsiona-se além do nível de ser, conhecer, gozar, ter. O espírito se reconhece como soberano. Sabe que é o centro autônomo das próprias ações. Por meio da liberdade, o espírito é capaz de submeter o mundo à própria vontade e de utilizá-lo para a própria felicidade. Sabe, portanto, que tem uma dignidade sem par; sabe que é o que há de maior neste mundo; sabe que é um valor absoluto. Finalmente, o espírito é sobrevivência porque, não sendo constituído por elementos materiais, não está sujeito à decomposição e corrupção. A foice inexorável da morte não pode atingi-lo: o espírito não se extingue.

6 — O homem, imagem de Deus

A este ponto descobrimos a razão profunda daquela configuração multiforme e tendencialmente infinita que é o elemento específico de nosso ser: nós temos a capacidade do infinito (*capax infiniti*), graças ao espírito que habita em nós e constitui nossa dimensão própria. De fato, o espírito não conhece limites, não se dobra a confins. Os limites, os confins, são propriedades da matéria.

O espírito, tornando o homem *capax infiniti*, projeta-o naturalmente para o infinito, Deus.

A este ponto, sustentados também pela revelação bíblica, podemos ir um passo mais adiante na solução do enigma mais importante e mais difícil da Antropologia filosófica: o enigma referente à defi-

nição conclusiva da configuração humana. Nós sabemos que somos projetos abertos, suscetíveis das mais variadas interpretações e definições. Existe, porém, um desígnio, um projeto, que responde melhor que qualquer outro à instância de autotranscendência, à dimensão espiritual, ao valor absoluto que carregamos em nós e é parte específica, essencial, do nosso ser: o desígnio da *imago Dei*. A iconicidade divina que Deus mesmo quis imprimir em nosso ser, no momento da criação (Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, diz a Bíblia), define perfeitamente a configuração humana. Isso significa que o modelo do homem é Deus; é Deus que devemos tomar como modelo, se queremos definir a nossa configuração e se queremos realizar a nossa humanidade: não o super-homem, não o herói, não o sábio, não o místico, não o asceta, não o revolucionário e menos ainda o *play-boy*. Eis, finalmente esclarecidos, os lineamentos incertos e indefinidos da configuração humana.

A definição da configuração humana através da iconicidade divina (*imago Dei*) não é somente uma verdade cristã, como muitos pensam; já Platão a havia intuído e ensinado, como escreve no *Teeteto*: “uma só coisa convém ao homem: evadir-se deste lugar em direção àquele outro, quanto mais depressa for possível. E a fuga é imitação de Deus, porquanto se pode. E imitação é tornar-se justo e santo, sustentado por espiritual e intelectual visão.” No entanto, é fora de discussão que a intuição de Platão só se tornou doutrina central da Antropologia depois do advento do cristianismo. Segundo Gregório Nissen, um dos padres que mais exaltaram a iconicidade divina, para definir o cristianismo basta dizer que ele é imitação da natureza divina. O mesmo Nissen ensina que a iconicidade é uma propriedade que compete ao homem por força de sua própria natureza: a natureza humana enquanto tal é que foi produzida por Deus “à sua imagem e semelhança”.

Segundo Nissen, todas as propriedades fundamentais da alma (espiritualidade, liberdade, imortalidade) a tornam fortemente semelhante a Deus, mas a iconicidade brilha sobretudo na liberdade, ou seja, no domínio que o homem tem sobre si mesmo e sobre as coisas. “Deus — escreve Nissen — criou o homem semelhante a si em vista do domínio que devia exercer sobre os outros seres. E desta forma, o domínio do homem sobre os seres inferiores é a manifestação mais evidente da sua semelhança com Deus.”

Realmente, além de verdade revelada pelo cristianismo, a iconicidade é uma verdade que a razão humana pode apreender por si mesma, se perseguir até o fim a instância de racionalidade que acompanha duas teses que são reconhecidas e defendidas

Entre todas as definições
da configuração humana,
aquela que melhor condiz com as
exigências da sua dimensão espiritual
é, sem dúvida, a que foi dada
por Deus, fazendo
do homem a sua imagem.

por cada humanismo autêntico: a tese do valor absoluto e a tese da liberdade que faz do homem o autor do próprio projeto de humanidade e, por isso, *causa sui*. São somente duas teses que racionalmente fundadas chegam até Deus, porque só Ele é valor absoluto subsistente e *causa sui* no sentido pleno desta expressão.

No meu livro *Il valore uomo* procurei mostrar que o homem possui uma dignidade altíssima, porque é um valor absoluto e não um valor instrumental. É claro, porém, que o valor absoluto que compete ao homem é participado, enquanto ele não é dotado de absoluto, na ordem ontológica (o homem, de fato, é um ser extremamente frágil, contingente, sujeito ao nascimento e à morte). O absoluto participado pelo valor homem pressupõe e postula o absoluto incondicional e subsistente do valor Deus. E assim o homem, enquanto valor absoluto participado, espelha, é ícone (imagem) do valor absoluto subsistente que é Deus.

7 — A educação do homem a respeito do seu próprio valor, e a práxis de humanização

A cultura é, antes de tudo e sobretudo, forma espiritual da sociedade, mas esta é também, e não secundariamente, cultivo, formação, educação da pessoa.

A cultura entendida como educação tem a tarefa primária de ensinar a verdade do homem, dando a justa medida do seu valor e da sua dignidade. Na educação devemos nos preocupar constantemente por fazer compreender à criança, ao jovem, ao adulto, a altíssima dignidade, o infinito valor de que somos portadores.

Nós não somos nem um punhado de átomos colocados juntos pelo cego acaso, nem pequenas, insignificantes engrenagens da colossal máquina da história, nem simples instrumentos do aparelho econômico, político, cultural da sociedade. Nós somos pessoas, espíritos encarnados, valores absolutos. Na educação nunca se insistirá demais neste ponto.

Devemos repetir a cada dia a nós e aos outros esta fundamental verdade: somos pessoas, somos valores absolutos, somos tesouros inestimáveis. Somos todos do mesmo modo: pequenos e grandes, jovens e velhos, homens e mulheres, sadios e doentes. Somos todos indistintamente, tanto se moramos num grandioso arranha-céu de Nova Iorque ou sob uma esqualida tenda no deserto do Saara, num campo de concentração da Sibéria ou numa vila das ilhas do Havaí.

Esta verdade deve estar escrita em caracteres garrafais na frente do programa educativo do novo humanismo.

Na cultivação do homem, além de seu absoluto valor, deve-se insistir também sobre o significado sublime de seu projeto. O homem é, como sabemos, um projeto aberto suscetível de múltiplas definições. Entre todas as definições da configuração humana, aquela que melhor condiz com as exigências da sua dimensão espiritual é, sem dúvida, a que foi dada por Deus, fazendo do homem a sua imagem. Isso significa que para realizar a si mesmo plenamente, para levar a termo e para eternizar o próprio valor, deve ter o seu olhar constantemente apontado para Deus: Ele é o seu Modelo, o seu Ideal, o seu Objetivo final. Ele, que é o ponto Alfa do seu absoluto valor, não o coloca em órbita para deixá-lo precipitar-se no nada, mas quer ser também o seu ponto Ômega, o seu ponto de chegada, que o consagra definitivamente no seu absolutismo por toda a eternidade.

A *imago Dei* reside principalmente na alma, no espírito. Por este motivo a **educação do homem deve estar atenta sobretudo aos valores do espírito**: verdade, bondade, virtude, amor, solidariedade, justiça, paz, etc. Infelizmente são estes valores que a nossa sociedade sensitiva e hedonista tem em grande parte desatendido e, com frequência, abertamente não declarado. A falta deles é a causa principal do obscurecimento e da perda da dignidade do homem.

O cultivo do homem é essencialmente prática de humanização (e não simplesmente prática de liberação). Esta comporta indubitavelmente também a solução de tantos trágicos problemas que a todo instante afligem grande parte da humanidade: fome, miséria, ignorância, injustiça social, etc., mas o seu objetivo principal é sempre aquele de fazer progredir o homem na estima e na assimilação dos valores absolutos, aqueles valores que fazem resplandecer nele a imagem de Deus. Por isso a "construção de uma nova ordem social pressupõe, além e acima das essenciais capacidades tecnológicas, uma elevada inspiração, uma motivação corajosa, uma fé no futuro do homem, na sua dignidade, no seu destino. É ao

coração e ao espírito do homem que se deve chegar, além das divisões provocadas pelos interesses individuais, pelos egoísmos e ideologias. Em uma palavra, deve-se amar o homem por si mesmo. Este é o valor supremo que entendem promover todos os humanistas sinceros, os pensadores generosos e todas as grandes religiões (...) Todos aqueles que desejam verdadeiramente a defesa e o progresso do homem devem por isso amar o homem por si mesmo; e por isto é necessário ter confiança nos valores do espírito, que são os únicos capazes de transformar os corações e as condutas arraigadas" (João Paulo II, *Discurso de Hiroshima*).

Com estas breves considerações acerca de humanização, que cumpre a configuração humana segundo o desenho da imagem de Deus, se conclui a nossa reflexão filosófica sobre o homem.

A alguém o nosso discurso parecerá muito belo para ser verdadeiro. A quem esta impressão causou, nós respondemos que além de belo é também verdadeiro, porque diz simplesmente a verdade do homem dando plena expressão à sua dignidade e ao seu valor.

NOTAS

- 1) M. Heidegger, *Kant e il problema della metafisica*, trad. italiana, Silva Napoli, 1962, pp. 275-276.
- 2) João Paulo II, *Discurso à ONU*.
- 3) R. Guardini, *Libertà, grazia, destino*, Morcelliana, Brescia, 1957, p. 15.
- 4) J. de Finance, *Essai sur l'agir humain*, Roma, 1962, p. 191.
- 5) M. Merleau-Ponty, *Signes*, Paris, 1960, pp. 88-89.
- 6) A esta argumentação, São Tomás deu uma formulação estupenda na *Summa contra Gentiles*, (II, 87): "Tudo aquilo cuja substância não se identifica com o próprio ser - escreve o Aquinate - tem um autor do seu ser. Mas a alma humana não se identifica com o próprio ser, sendo esta uma propriedade exclusiva de Deus; portanto ela tem uma causa ativa do seu ser. Ora, o que tem o ser diretamente por si mesmo é também causado diretamente, enquanto o que não tem diretamente, mas só em união com outros, não é causado diretamente mas só juntamente com outros; assim, por exemplo, a forma do fogo se produz quando é causado o fogo. Ora, a alma humana tem isto de próprio, em relação às outras formas, que é subsistente no seu ser e comunica ao corpo aquele ser que lhe é próprio. Portanto, a alma tem um próprio modo de ser produzida, fora do modo comum das outras formas, que são produzidas acidentalmente, quando são produzidos os compostos de que fazem parte. Como a alma humana não tem matéria como elemento constitutivo de si mesma, não pode ser formada com algo que a faça quase da matéria; resta, agora, que é produzida do nada e assim seja criada. Sendo, porém a criação obra exclusiva de Deus, segue que ela seja criada imediatamente por Ele".



Leitura dos livros sagrados.

vinculados à prática de um caminho que conduz o homem à iluminação. Assim como outro texto famoso, *A Voz do Silêncio*, pertence à tradição da escola tibetana Kargyütpa, fundada por Milarepa (1052-1135 d.C.).

O *Precioso Rosário* foi compilado por Dvagpo-Lharje (1077-1152 d.C.) sucessor apostólico de Milarepa, após a morte deste. Dvagpo-Lharje, isto é, Lharje da província de Dvagpo, no Tibete Oriental, era também conhecido pelo nome de Grande Guru Gampopa, como se fosse a reencarnação do Rei Srong-Tsan-Gampo, primeiro governante budista do Tibete, falecido em 650 d.C. Fundou em 1150 o Monastério de Ts'ur-lka, que foi até a época da invasão do Tibete pela China a sede principal da Ordem Kargyütpa.

Existem duas versões conhecidas do *Precioso Rosário*; uma, fragmentada, divulgada pela Sra. A. David-Neel e outra, completa, traduzida pelo falecido Lama Kazim Dawa-Samdup e publicada com comentários de W.Y. Evans-Wentz no livro *Tibetan Yoga and Secret Doctrines*.

Publicamos a seguir alguns excertos na confiança de que serão úteis na escalada da auto-realização.

“Que aquele que deseja livrar-se do terrível e difícil atravessar do Mar de Existências Sucessivas, através dos preceitos ensinados pelos inspirados sábios Kargyütpa, preste a devida homenagem a estes Mestres, cuja glória é imaculada, cujas virtudes são inextinguíveis como o oceano, e cuja infinita benevolência abarca todos os seres, passados, presentes e futuros, através do Universo.”

Dez coisas que devem ser evitadas

1. Evita o guru cujo coração esteja apegado à aquisição de fama e possessões mundanas.
2. Evita os amigos e seguidores que são prejudiciais à paz mental e ao crescimento espiritual.
3. Evita as eremitas e as habitações onde se encontrem muitas pessoas que te perturbem e distraem.
4. Evita ganhar a vida mediante o engano e o furto.
5. Evita as ações que prejudiquem tua mente e impeçam teu desenvolvimento espiritual.
6. Evita as ações levianas e irrefletidas, pois te rebaixam perante a estima dos demais.

“O Precioso Rosário”

A utilização da palavra escrita, sob forma de sermões ou provérbios, a fim de auxiliar aqueles que buscam um crescimento espiritual, sempre foi prática comum na história da humanidade.

Desde o século passado nosso conhecimento das sagradas escrituras orientais tem aumentado incessantemente, influenciando a própria civilização ocidental.

Dentre tantos textos um deles se destaca por sua beleza, profundidade e alta sabedoria prática: o *Precioso Rosário*, ou, de forma completa, *O Caminho Supremo do Venerável Senhor Gampopa*, chamado o *Precioso Rosário*.

Trata-se de curtos preceitos religiosos dispostos em 28 pequenos capítulos acerca de temas

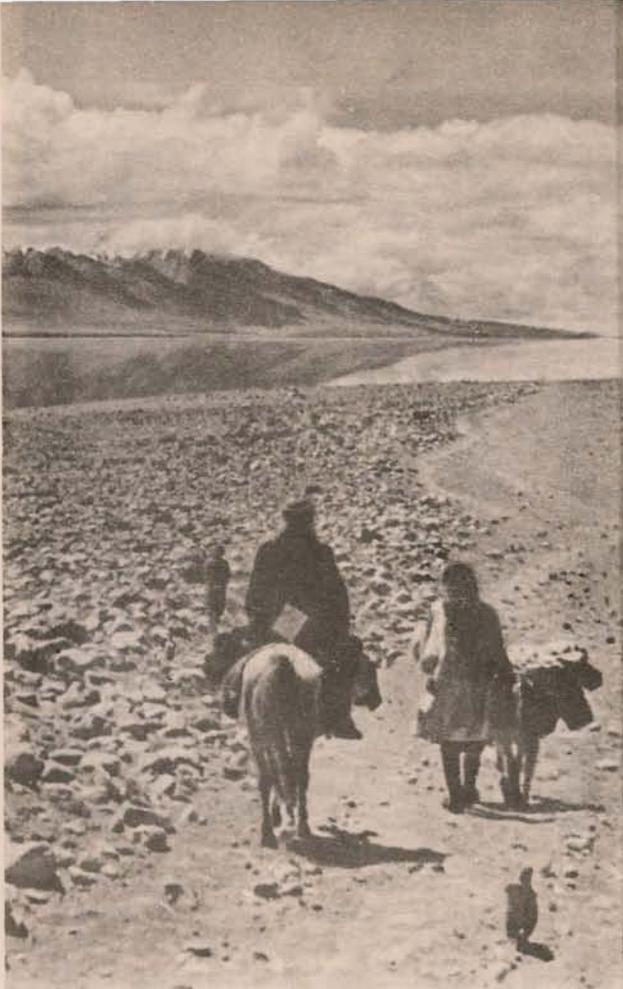
7. Evita a conduta e as ações inúteis.
8. Evita ocultar tuas próprias faltas e falar alto das dos demais.
9. Evita a comida e os hábitos que não harmonizem com tua saúde.
10. Evita os apegos inspirados pela avareza.

Dez coisas que se deve saber

1. Deve-se saber que todos os fenômenos visíveis, sendo ilusórios, são portanto irrealis.
2. Deve-se saber que a mente, sem existência independente (separada da Mente Única), é impermanente.
3. Deve-se saber que as idéias surgem de uma catenação de causas.
4. Deve-se saber que o corpo e a palavra, sendo compostos pelos quatro elementos, são transitórios.
5. Deve-se saber que o efeito das ações passadas, de onde provém todo pesar, é inevitável.
6. Deve-se saber que a dor, sendo um meio de se convencer da necessidade de uma vida religiosa, é um guru.
7. Deve-se saber que o apego às coisas mundanas torna a prosperidade mundana inimiga do progresso espiritual.
8. Deve-se saber que o infortúnio, sendo o meio de recondução de alguém à Doutrina, é também um guru.
9. Deve-se saber que nada existe tendo existência independente.
10. Deve-se saber que todas as coisas são interdependentes.

Dez incentivos

1. Que refletir sobre a dificuldade em obter um corpo humano, capaz e livre, te incite a adotar a carreira religiosa.
2. Que refletir sobre a morte e a impermanência da vida te incentive a viver piedosamente.
3. Que refletir sobre a irrevogável natureza dos resultados que, inevitavelmente, decorrem das ações te incentive a evitar a impiedade e o mal.
4. Que refletir sobre os males da vida na ronda de existências sucessivas te incentive a buscar a Liberação.
5. Que refletir sobre o mistério de que todos os seres sensíveis sofrem te incentive a alcançar a Liberação mediante a iluminação da mente.
6. Que refletir sobre a perversidade e natureza ilusória da mente de todos os seres sensíveis te incentive a meditar sobre a Doutrina.



Tibet — espaço, silêncio.

7. Que refletir sobre a dificuldade de extirpar os conceitos errados te incentive a uma constante meditação.
8. Que refletir sobre o predomínio das más inclinações neste *Kali-Yuga* (Idade da Obscuridade) te incentive a buscar seu antídoto na Doutrina.
9. Que refletir sobre a multiplicidade de infortúnios nesta Idade da Obscuridade te incentive a perseverar na busca da Liberação.
10. Que refletir sobre a inutilidade em desperdiçar a vida te incentive à diligência em percorrer o Caminho.

Dez erros

1. A fraqueza da fé combinada com a força do intelecto podem conduzir ao erro das palavras inúteis.
2. A força da fé combinada com a debilidade do intelecto pode conduzir ao erro de um dogmatismo mentalmente estreito.
3. O grande zelo sem instrução religiosa adequada pode conduzir ao erro de seguir caminhos extraviados.

Doze coisas indispensáveis

4. A meditação, sem a suficiente preparação na escuta e estudo da Doutrina, pode conduzir ao erro de se perder na obscuridade do inconsciente.
 5. Sem o conhecimento prático e adequado da Doutrina, pode-se cair no erro da presunção religiosa.
 6. A não ser que a mente se prepare para o desaparego e a infinita compaixão, pode-se cair no erro de buscar a Liberação apenas para si mesmo.
 7. A não ser que a mente se discipline mediante o conhecimento de sua própria natureza imaterial, pode-se cair no erro de desviar todas as atividades para o caminho da mundanidade.
 8. A não ser que se erradiquem todas as ambições mundanas, pode-se cair no erro de permitir ser dominado por motivos mundanos.
 9. Permitindo que admiradores crédulos e vulgares se congreguem a teu redor, existe a propensão de cair no erro da auto-suficiência e orgulho vulgares.
 10. Ao ufanar-se do saber e dos poderes ocultos, está-se propenso a cair no erro de ostentar orgulhosamente destreza em ritos mundanos.
1. É indispensável ter um intelecto capaz de compreender e aplicar a Doutrina às próprias necessidades.
 2. No início da própria carreira religiosa é indispensável ter a mais profunda aversão pela interminável seqüência de mortes e reencarnações.
 3. É indispensável um guru capaz de guiar pelo caminho da Liberação.
 4. São indispensáveis a diligência combinada com a força, e a invulnerabilidade ante a tentação.
 5. São indispensáveis a incessante perseverança em neutralizar os resultados das más ações mediante o cumprimento de outras boas, e o cumprimento do tríplice voto de manter a castidade corporal, a pureza mental e o controle verbal.
 6. É indispensável uma filosofia suficientemente vasta para abarcar todo o conhecimento.
 7. É indispensável um sistema de meditação que confira o poder de concentrar a mente sobre qualquer coisa.
 8. É indispensável uma arte de viver que possibilite empregar cada atividade do corpo, da palavra e da mente como uma ajuda no Caminho.

Dez semelhanças que podem iludir

1. O desejo pode confundir-se com a fé e a confiança.
2. O apego pode confundir-se com a benevolência e a compaixão.
3. A cessação dos processos do pensamento pode confundir-se com a serenidade da mente infinita, que é a verdadeira meta.
4. As percepções ou fenômenos sensoriais podem confundir-se com as revelações ou os vislumbres da Realidade.
5. Uma simples percepção da Realidade pode confundir-se com a completa realização.
6. Aqueles que abertamente professam, mas não praticam a religião, podem confundir-se com os verdadeiros devotos.
7. Os escravos das paixões podem confundir-se com os mestres de *yoga* que se libertaram de todas as leis convencionais.
8. As ações cumpridas em próprio benefício podem equivocadamente ser consideradas como altruístas.
9. Os métodos falsos podem equivocadamente ser considerados como prudentes.
10. Os charlatões podem confundir-se com os sábios.

"Nos desertos de pedras de montanhas existe um estranho mercado: pode-se trocar o turbilhão da vida por uma beatitude sem limites." (Milarepa)



9. É indispensável um método para praticar os seletos ensinamentos a fim de convertê-los em algo mais que simples palavras.
10. São indispensáveis instruções especiais, através de um sábio guru, que possibilitem evitar os caminhos errados, as tentações, as ciladas e os perigos.
11. São indispensáveis no momento da morte uma confiança indomável combinada com uma serenidade suprema da mente.
12. Como resultado de haver-se praticado os seletos ensinamentos, é indispensável a conquista de poderes espirituais capazes de transmutar o corpo, a palavra e a mente em suas divinas essências.

Dez sinais do homem superior

1. Ter pouco orgulho e nenhuma inveja é sinal do homem superior.
2. Ter escassos desejos e satisfazer-se com coisas simples é sinal do homem superior.
3. Carecer de hipocrisia e de embustes é sinal do homem superior.
4. Controlar sua conduta de acordo com a lei de causa e efeito, tão cuidadosamente quanto se custodia a pupila dos olhos, é sinal do homem superior.
5. Ser fiel aos próprios compromissos e obrigações é sinal do homem superior.
6. Ser capaz de manter vivas as amizades ao mesmo tempo que contempla a todos os seres com imparcialidade é sinal do homem superior.
7. Olhar com piedade mas sem ira àqueles que vivem no mal é sinal do homem superior.
8. Ceder a outros a vitória, tomando para si mesmo a derrota, é sinal do homem superior.
9. Diferenciar-se do vulgo em todo pensamento e ação é sinal do homem superior.
10. Observar fielmente, mas sem orgulho, os próprios votos de castidade e piedade é sinal do homem superior.

Dez coisas inúteis

1. Sendo nosso corpo ilusório e transitório, é inútil prestar-lhe demasiada atenção.
2. Vendo que quando morreremos deveremos partir com as mãos vazias e que já na manhã seguinte à de nossa morte nosso próprio corpo será desalojado de nossa casa, é inútil afanar-se e sofrer privações para construir para si mesmo uma morada neste mundo.
3. Vendo que quando morreremos nossos descendentes, caso não estejam espiritualmente ilu-

minados, serão incapazes de nos prestar o mínimo auxílio, é inútil legar-lhes mais riquezas mundanas que espirituais, ainda que o façamos por afeição.

4. Vendo que quando morreremos deveremos ir sozinhos, sem parentes nem amigos, é inútil consagrar tempo, que deve ser dedicado para ganhar a Iluminação, em comprazê-los e mimá-los. (Nota de Evans-Wentz: o tempo deve ser empregado para colocar os amigos no caminho da Grande Liberação, onde se tornam parentes.)
5. Vendo que nossos descendentes estão sujeitos à morte e que qualquer bem mundano a eles legado será perdido com o tempo, é inútil fazer doações de coisas neste mundo.
6. Vendo que quando a morte chegar abandonaremos o próprio lugar onde vivemos, é inútil consagrar a vida à aquisição de coisas mundanas.
7. Vendo que a infidelidade aos votos religiosos resulta no ingresso em estados miseráveis de existência, é inútil haver entrado na Ordem se não se vive uma vida pura.
8. É inútil haver escutado e pensado a respeito da Doutrina e não haver praticado nem adquirido poderes espirituais que auxiliem no momento da morte.
9. É inútil haver vivido, ainda que por muito tempo com um preceptor espiritual, se há carência de humildade e devoção e, desta maneira, há incapacidade de crescimento espiritual.
10. Vendo que todos os fenômenos existentes e aparentes são efêmeros, mutáveis, instáveis, e que a vida mundana não fornece nem a Realidade nem a conquista permanente, é inútil haver-se consagrado às obras sem proveito neste mundo, em detrimento da busca da Sabedoria Divina.

As dez melhores coisas

1. Para o de pouca inteligência o melhor é ter confiança na lei de causa e efeito.
2. Para o de inteligência comum o melhor é reconhecer, tanto dentro como fora de si mesmo, o funcionamento da lei dos opostos.
3. Para o de inteligência superior o melhor é ter compreensão verdadeira da inseparabilidade de quem conhece, do objeto de conhecimento e do ato de conhecer.
4. Para o de pouca inteligência a melhor meditação é a concentração completa da mente sobre um simples objeto.
5. Para o de inteligência comum a melhor meditação é uma ininterrupta concentração sobre os



O grande pagode simboliza o corpo absoluto de Tathagata

dois conceitos dualistas — fenômeno e númeno, mente e consciência.

6. Para o de inteligência superior a melhor meditação é permanecer na imobilidade mental — a mente vazia de todos os processos de pensamento — sabendo que quem medita, o objeto da meditação e o ato de meditar constituem uma unidade inseparável.
 7. Para o de pouca inteligência a melhor prática religiosa consiste em viver em estrita conformidade com a lei de causa e efeito.
 8. Para o de inteligência comum a melhor prática religiosa consiste em contemplar todas as coisas objetivas como se fossem imagens vistas num sonho e produzidas magicamente.
 9. Para o de inteligência superior a melhor prática religiosa consiste em abster-se de todos os desejos e ações mundanas, considerando todas as coisas fenomênicas como se fossem inexistentes.
 10. Para aqueles que pertencem a qualquer destes três graus de inteligência a melhor indicação do progresso espiritual consiste na diminuição das obscuras paixões e do egoísmo.
2. É necessário uma grande perseverança de modo que não se lamente perder a própria vida na busca da Iluminação, tanto quanto o lavrador que ara o campo e não se arrepende disto ainda que morra na manhã seguinte.
 3. A terceira coisa necessária é o regozijo da mente, tal como a do homem que cumpriu uma grande ação com perspectivas de longo alcance.
 4. Deve-se compreender que não há um momento sequer que possa ser desperdiçado, da mesma forma que um homem ferido perigosamente por uma flecha, não pode perder tempo.
 5. É necessário poder fixar a mente num único pensamento, como o faz a mãe que perdeu seu único filho.
 6. Uma coisa necessária é compreender que não há necessidade de fazer seja lá o que for tal como o guardião de um rebanho, cujo gado foi levado pelas tropas inimigas, que compreende que nada pode fazer para reavê-lo. (Nota de Evans-Wertzt: conforme os Salmos XLVI,18, "Permanece quieto e conhece que Eu sou Deus".)
 7. É um requisito primordial ansiar pela Doutrina assim como o faminto deseja o alimento.
 8. É preciso ter confiança na própria capacidade mental assim como o homem forte tem confiança em sua força para reter firmemente a pedra preciosa que achou.
 9. Deve-se desmascarar a ilusão do dualismo assim como se faz com a falsidade do mentiroso.
 10. Deve-se ter confiança "Naquilo que É", que é o Único Refúgio, assim como o exausto pássaro, distante da terra, tem confiança no mastro do barco sobre o qual repousa.

Conclusão

Aqui está contida a essência das imaculadas palavras dos Grandes Gurus dotados da Divina Sabedoria, e da Deusa Tara e outras divindades. Entre estes Grandes Mestres estão o glorioso Dipankara, o pai espiritual, e seus sucessores que foram divinamente indicados para divulgar a Doutrina nesta Terra Nórdica das Neves, e os Gurus Cheios de Graça da Escola Kahdampa.

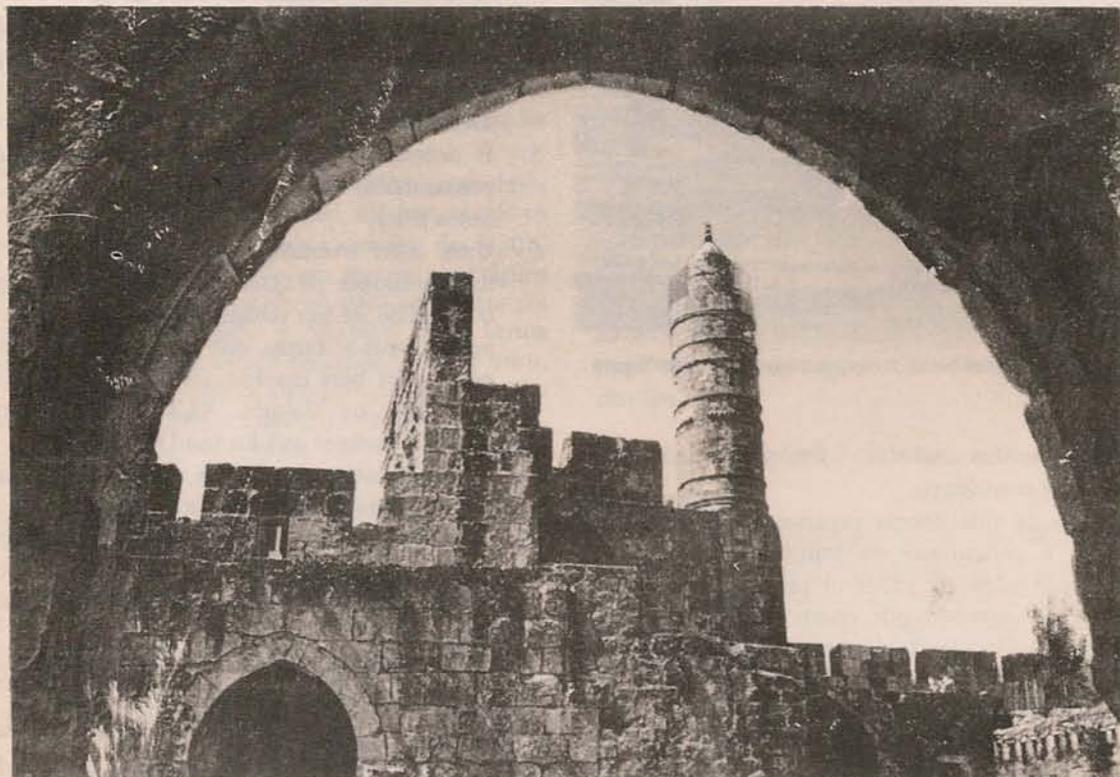
Também estão o Rei dos Yogins, Milarepa, a quem foi legado o saber do Sábio Marpa de Lhobrak e de outros; e os ilustres Santos, Naropa e Maitripa, da nobre terra da Índia, cujo esplendor igualou o Sol e a Lua, e os distintos discípulos destes.

Tradução e seleção de DAVID COHEN

O Cântico dos Cânticos

"Feliz quem penetra no Santo dos Santos,
muito mais feliz é aquele que conheceu a
beleza do Cântico dos Cânticos."

Orígenes – século III



Torre de David, Jerusalém.

Não exagerava o mestre de Alexandria ao exaltar a beleza dessa obra bíblica, doce e perene ilha no encapelado e rude mar do Antigo Testamento. Nenhum livro das Sagradas Escrituras suscitou tantas e tão divergentes interpretações como esse livro, cujo nome hebraico – *Chir ha' Chirim* – é um superlativo e significa "o mais belo dos cânticos".

Lendo demoradamente o poema, percebe-se a ordem, graça, ritmo singular, diferente e humano, desses versos que constituem até hoje um mistério para os que buscam desvendá-los e interpretá-los.

No cânon judeu esse livro encabeça um grupo chamado *Megilloth* formado por: *Rute*, *Lamentações*, *Eclesiastes* e *Ester*, usados nas sinagogas em determinados ritos mosaicos, sendo que o *Cântico*

dos Cânticos é lido no oitavo dia da Páscoa. Ele faz parte dos cânones judeu, católico e protestante, e é chamado protocanônico. Como essa obra não fala de Deus, nem dos grandes eventos do povo judeu, nem de profetas, nem da Aliança, muitos exegetas duvidaram de seu caráter sagrado.

Depois da destruição do templo de Jerusalém, no ano 70 de nossa era, o judaísmo sentiu necessidade de consolidar as bases de seu cânon, isto é, a lista de seus livros sagrados; isso foi feito em Jamnia, perto de Joazebo, no ano 95. Nessa ocasião se optou pelo cânon breve, do qual foram excluídos vários livros, adotados depois pelo cânon católico, e que são chamados deutero-canônicos; os protestantes os chamam de apócrifos. São eles: *Tobias*, *Judite*, *Eclesiástico*, *Sabedoria*, *Baruc*, *Macabeus* (I e II),

além de fragmentos de *Ester* e *Daniel*. Após muitas discussões concluiu-se que o *Cântico dos Cânticos* deveria permanecer como parte das Sagradas Escrituras.

Quanto à data e autoria do livro, não se pode aceitar, como é opinião de muitos autores, que ele tenha sido escrito por Salomão; o mesmo podemos dizer dos *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Sabedoria*.

Salomão passou para a tradição como compositor de cânticos (*Reis* I, 5, 12) porque deve ter sido o iniciador do gênero sapiencial em Israel. Uma das razões que provam a não autoria de Salomão é a língua cheia de aramaismos posteriores ao exílio, colocando-se a obra no período persa ou grego, mais precisamente em meados do século IV a.C.

O *Cântico dos Cânticos* está escrito em versos, mas seria difícil dividi-lo em estrofes regulares; mais de um estudioso tentou fazê-lo sem resultados satisfatórios.

Para a compreensão de um livro sagrado é necessário conhecer seu gênero literário e as leis a que está sujeito. O gênero literário é a maneira como certa época ou região expressa seus pensamentos e idéias; é uma espécie de guia para a mão do escritor. Daí a importância fundamental em determinar o gênero literário de uma obra.

Há textos bíblicos facilmente identificáveis quanto ao gênero literário; assim, *Juízes*, *Reis*, *Crônicas* são históricos; os *Salmos* são poesia lírica; *Provérbios* é livro sapiencial; é muito difícil, porém, se estabelecer o gênero literário do *Cântico dos Cânticos*. Alegoria? Drama? Diálogo? Após muitas discussões, os modernos exegetas G. Pouget e J. Guittou concluíram ser um drama lírico com três personagens: o rei Salomão, o pastor e a Sulamita. O interesse desse drama está no fato de a Sulamita se conservar fiel a seu amado, apesar das tentativas do rei em seduzi-la.

A delimitação dos versos é outro ponto de divergência entre os autores; uns os dividem em sete quadros correspondentes aos sete dias de festas nupciais, como é uso no Oriente; outros chegam a dividi-los em vinte e três quadros.

No Oriente as composições poéticas sobre acontecimentos festivos, como o casamento, tinham traços especiais e chegavam quase a compor uma literatura própria com canções e danças fortemente eróticas, onde a louvação aos dotes físicos dos esposos era a tônica principal. Israel não fugiu a essa influência dos costumes pagãos orientais e eram comuns os longos e ruidosos festejos nupciais.

Até hoje na Síria enaltece-se o *Wassf*, que é semelhante ao louvor nupcial que se encontra em grande parte no *Cântico dos Cânticos*.

Por estar ausente no poema o nome de Deus e perpassar por ele fundo gemido de amor, ardente apelo de um ser para outro ser, levou muitos a tecerem várias hipóteses sobre a natureza dessa obra. A tese naturalista diz ser o livro uma cantiga de amor profano redigida para uma festa nupcial. Posteriormente, piedosos judeus atribuíram ao poema intenções religiosas alheias às intenções do autor. A tese religiosa diz que a mais remota tradição judaica atribuiu, sempre em Israel, sentido religioso ao livro; seria uma mensagem do amor de Deus para com a nação judaica, considerada como esposa de Javé. Teríamos então uma alegoria, onde as raposas seriam os povos pagãos e a luz e as trevas, a escravidão e libertação de Israel.

O tema do amor conjugal para indicar aliança de Deus com a nação judaica era comum na literatura sagrada (*Ex.* 34, 15; *Deut.* 31, 16). As infidelidades de Israel eram mesmo chamadas de adultério (*Isaias* 1, 21; *Jer.* 3, 1). A nosso ver, a tese religiosa é a mais viável.

Outros vêem no *Cântico dos Cânticos* uma representação do amor humano como pálida imagem do amor divino, uma peça literária, onde o autor sagrado, com penetrante intuição, pinta nuances da paixão amorosa.

Confirmando a hipótese religiosa, muitos autores citam cenas impossíveis no Oriente, na época do poema, como o episódio da jovem saindo à noite buscando o amado (III, 2) e sendo espancada pelos guardas (V, 7).

Nas versões mais modernas feitas a partir do original, o poema é dividido em oito livros ou capítulos com o mínimo de onze e o máximo de dezessete versículos em cada capítulo. Os personagens são o rei, o bem-amado, a Sulamita e um coro de donzelas.

Não é incoerência alguma que esse poema religioso tenha como raiz uma profunda inspiração amorosa. Por acaso, o que é religioso é órfão de vibração e vida? Santa Teresa, comentadora deste poema, não ofereceu para Deus Amor Absoluto, sua ardente natureza humana, seu coração apaixonado? No poema é justamente o elemento amoroso que dá força às imagens belas e fortes que o povoam; imagens que não envelheceram, não perderam, através dos séculos, esse encanto de doloroso alvorecer da carne, de perturbador perfume de paixão e vida.

Levanta-se do Antigo Testamento o ardente sopro de poesia de um povo errante, angus-

tiado, do qual a *Bíblia* nos conta a longa e atormentada história.

A poesia do mundo clássico greco-romano nasce do mar e das batalhas, como na *Odisséia* e *Eneida*; é por isso que tudo o que a cultura clássica criou tem a base de vida, de movimento, de perfume marítimo e bélico. Já a poesia hebraica, rara e profunda, tem suas raízes na terra antiga e solene. Quando pensamos em Israel, logo acodem à nossa lembrança domínios patriarcais, campos em que se apascentam rebanhos, cidades humildes e tristes. Evocando essas imagens, vemos reis, profetas, pastores e caladas e fortes mulheres israelitas.

As heroínas clássicas são quase irreais e simbólicas; povoam as lutas e os prazeres, as guerras e a beleza serena que os escultores fixaram para sempre; mas, como pano de fundo da cena, onde os heróis se agitam, vivem e realizam suas aventuras e desafiam os deuses e o destino.

As mulheres de Israel não têm a imponência das heroínas clássicas; são mais naturais, humanas, simples. São as esposas, as escravas, que alegrem a vida dos rudes patriarcas. Mulheres triqueiras recolhendo o trigo nas colheitas, carregando os cântaros cheios da pura água dos poços, fazendo a impaciência de reis e pastores que as esperam para as núpcias, sob as tendas ou sob o céu constelado de astros. Não são belas mortais amadas por heróis ou deuses, mas simples e fortes mulheres amadas por homens. Quase as vemos ainda passar nas páginas dos livros sagrados com um enfeite nos

cabelos escuros, um tímido sorriso nos lábios, um ardor de paixão nos olhos tristes. São Raquel, Sara, Agar, a intrépida Judite, Ester, Rute, Noemi, Abigail e essa misteriosa Abisag, chamada para aquecer os últimos dias do rei Davi.

E quem teria sido essa morena Sulamita? Não o sabemos. Talvez uma graciosa virgem, formosa e imprudente, que dançava com arte e foi um dia presa e levada para o harém do rei. Este sentiu-se tocado pela ingênua beleza da rapariga e a amou. Ela resistiu-lhe e, numa linguagem forte, defendeu seu direito de ser fiel ao bem-amado pastor. O poder e o luxo não a abalaram, e sua atitude firme fizeram-na vencer a batalha desigual entre o rei poderoso e a humilde donzela. Terá o bem-amado como prêmio por sua fidelidade.

Nestas alturas nos questionamos: que nos importam as origens do poema, a identidade do autor ou da Sulamita? Mesmo sem todos esses dados o poema não continuará vivo e vibrante por si mesmo? Se a bela rosa pompeia no jardim seu esplendor, perfume e colorido, alguém se preocupará com a origem da roseira ou com a qualidade da terra que a alimenta?

O *Cântico dos Cânticos*, que maravilhou Santa Teresa, Frei Luís de León ou Renan, é rosa exemplar que vem inebriando com seu cáldo aroma os corações sensíveis e assim o fará pelos séculos dos séculos.

Amém!

TERESA DE BARROS VELLOSO

Jerusalém, cidade velha, região do templo.



Carta de Pequim

ATUALMENTE, NA CHINA, A IMAGEM DE MAO ESTÁ
TOTALMENTE DESAPARECIDA, PARECE QUASE SUMIDA,
CANCELADA DAS PAREDES DAS SALAS DE AULA
E DO ESPÍRITO DAS ESCOLAS.

Cu tinha visitado Pequim pela primeira vez em março de 1972. A imagem que se apresenta agora é sob não poucos aspectos diferentes. Ainda antes das informações jornalísticas e turísticas, alguns funcionários da embaixada chinesa em Buenos Aires tinham me prevenido de algumas mudanças, em particular a respeito da religião. Tendo que participar do Congresso Internacional de Orientalistas que se realizava em Tóquio na primeira semana de setembro desse ano, pensei que esta viagem me daria a melhor oportunidade para estender a minha visita até Pequim.

Eu não tinha nenhum objetivo de missão ou representação particular. Tratava-se de um interesse pessoal, de tipo acadêmico, ainda que, no centro de tudo houvesse o aspecto filosófico e religioso. Eis então algumas experiências vividas que me parecem merecer ser sublinhadas.

AS RUAS

Cada vez que visito um país sinto um enorme interesse em observar as suas ruas, porque ali o povo oferece a imagem de sua vida, de seu nível econômico, cultural e social. A mudança mais imediata em Pequim, que eu notei, foi no modo de vestir das pessoas. Onze anos atrás, as ruas das cidades chinesas que visitei tinham uma cor cinzenta ou azul escura. Então as multidões, que se movimentavam como um imenso rio humano nas cidades superpovoadas, andavam a pé ou de bicicleta, vestidas com a clássica roupa uniforme chinês, muito parecida com aquela dos soldados, sem notável diferença entre homens e mulheres. Lembro que então visitei uma fábrica têxtil e o diretor que me guiava repetia que aquele tipo de fazenda era fabricada em maior quantidade porque era preferida pelo povo. Mas a realidade era que então não havia outra escolha.

Hoje o aspecto das ruas de Pequim mudou. A uniformidade cinza do corte e a cor das roupas das pessoas aparece substituída por uma variedade de trajés claros, quase luminosos e de certo mais pessoais. Em particular, as mulheres já usam diversos tipos de fazendas com blusas e saias de cores

vivas, que demonstram um modo de ser mais pessoal e maior alegria de viver. Foram também aceitos, em parte, os modelos ocidentais, porém em uma versão de desenho inspirada na tradição chinesa. Repito que para mim o fato de que as pessoas da rua se vistam melhor é um dado decisivo para medir a mudança de nível de vida. A isto se acrescenta também uma maior abundância de lojas de fazendas, de roupas e alimentos mais à mão.

Ao mesmo tempo, se mantém na vida social uma forte carga de autoridade e limitações. A condição de trabalhador é ainda baixa, mas já se chegou a garantir um nível comum mínimo de existência para todos. Trata-se de um valor, se considerado em si mesmo; porém fica sempre um valor mínimo de consumo geral para o povo. É sem dúvida uma prova significativa e satisfatória ver o novo aspecto das ruas de Pequim, mais iluminadas agora pelas roupas variadas e coloridas de seus habitantes.

A EDUCAÇÃO

Um outro setor do qual me interessava constatar as mudanças realizadas no último decênio é aquele da educação. Antes de tudo, esta era então explicitamente inspirada na doutrina de Mao-Tse-Tung. Os diretores das diversas escolas primárias e secundárias que eu visitava me repetiam invariavelmente o pensamento do "companheiro" Mao sobre a educação. Ela devia sobretudo formar-se no espírito revolucionário marxista-leninista. Os alunos viam em todas as paredes as imagens dos cinco líderes do marxismo internacional: Marx, Engels, Lenin, Stalin, e acima deles, numa moldura maior, aquela de Mao que representava o ápice do pensamento revolucionário marxista. A educação do jardim da infância à Universidade devia ser diretamente e intensamente revolucionária; a mesma mística devia inspirar diretores, docentes e alunos.

Agora, ao invés, a primeira coisa que se nota é que a imagem de Mao está totalmente desaparecida; parece quase sumida, cancelada das paredes das salas de aula e do espírito das escolas. As paredes ficam nuas e não só aquelas das classes, mas também

das salas de recepção, do escritório do diretor e dos salões de honra.

Fiz algumas perguntas sobre princípios de orientação. Responderam-me que agora são quatro: a formação moral, a formação da inteligência, a estética e a educação física. Não foi feita nenhuma referência à intensificação do espírito revolucionário marxista, que em certo tempo era o tema explícito inspirador da escola.

Visitei classes e laboratórios. O material de ensino é discreto, e as classes me pareceram de bom nível. Os planos de estudos não são diferentes daqueles dos institutos secundários ocidentais, exceto do ponto de vista ideológico. Há também coincidência nas matérias e no método nas escolas de inglês, matemática e química, que eu visitei.

Sem dúvida, cumpriu-se um esforço notável para diminuir ao máximo o analfabetismo e difundir a educação secundária. No primeiro caso foram alcançados sensíveis progressos nas cidades: quanto à educação secundária continuam os esforços para estender os benefícios dela a quanto mais alunos for possível. Certo, compreende-se a impossibilidade real de conseguir sucessos muito rápidos neste campo numa nação superpovoada, de mais de um bilhão de habitantes, e num nível de desenvolvimento que ainda não alcança a maior parte da população.

De qualquer forma, na escola se respira uma atmosfera mais "oxigenada" se pensarmos no esquema marxista, que continua a dar o cunho ideológico, mas sem exasperar os instintos revolucionários dos alunos, como acontecia anteriormente.

O TÚMULO DE MATTEO RICCI

Até há poucos anos atrás o túmulo deste sábio missionário jesuíta italiano era ignorado e era impossível visitá-lo. É um milagre que se tenha salvado da barbárie cometida durante a revolução cultural que destruiu muitos monumentos da história e da cultura chinesas e que foi considerada como uma verdadeira e incontrolada cegueira da juventude.

Agora é possível visitar o túmulo com a devida autorização. Por uma ironia da história, o túmulo de Ricci, junto com aqueles de outros dois missionários, encontra-se dentro dos jardins que circundam o Instituto para a formação dos funcionários do partido comunista. Em um espaço de seis metros por seis está encerrado o lugar que conserva os túmulos históricos dos três grandes jesuítas.

Aproximei-me deles com profunda emoção, recordando a empresa gigantesca que realizaram na China e a sua contribuição ao progresso da cultura

do país, ao mesmo tempo que o evangelizavam. O túmulo do padre Ricci está no centro, é mais alto que os outros dois e tem uma lápide onde estão gravados em caracteres latinos, à direita, e em caracteres chineses, à esquerda, os dados da vida e da atividade do sábio missionário. O texto latino é o seguinte: "A lápide, obra delicada e expressiva, elevada em frente ao túmulo, é de mármore; nela estão gravados o nome de Ricci com grandes e artísticos caracteres chineses e motivos ornamentais também chineses, entre os quais destacam-se, na parte superior, os dois clássicos dragões entrelaçados."

À direita e à esquerda de Ricci, estão as lápides dos dois outros missionários jesuítas: Ferdinandus Nerbiest, belga, e Johannes Adamus Schall, de Colônia.

Aproximei-me para contemplar e admirar estes monumentos com sentimentos que são fáceis de imaginar. Revivi a grandiosidade da epopéia científica e religiosa daqueles grandes jesuítas que trouxeram a fé de Cristo à China, fazendo-a respeitar e admirar como doutrina que se baseava em profundas bases racionais, como eles a apresentavam. Evoquei com grandes traços os seus feitos e a brilhante metodologia com a qual souberam ilustrá-los, adotando as atitudes mais apreciadas pela população, que eram aquelas dos mandarins.

Afastei-me deles enriquecido pelos exemplos que nos deixou este gigante da fé e da ciência. Ricci é na China atual um personagem de enorme reputação, e os seus escritos na língua chinesa são considerados um tesouro da cultura e da literatura clássica chinesa. Uma prova da atenção que me dedicaram foi a autorização para visitar uma segunda vez o túmulo, porque durante a primeira o tempo estava chuvoso e eu não estava certo de que as fotografias tiradas fossem sair perfeitas.

O INSTITUTO PARA A INVESTIGAÇÃO DAS RELIGIÕES NO MUNDO

Dois objetivos de particular interesse eram para mim a Universidade de Pequim e o Instituto mencionado. A visita à Universidade não se pôde concretizar porque, como me informaram, não parecia oportuno incomodar logo no início da reabertura. Foi-me fácil, ao invés, conhecer o importante Instituto para investigação das religiões no mundo. Ele ficou, por assim dizer, fechado no silêncio durante a revolução cultural. Na China duas antigas academias continuam a histórica Academia Chinesa: aquela das ciências sociais e aquela das ciências (exatas e naturais). O Instituto para as religiões faz parte da Academia de Ciências Sociais.

**“NA CHINA, TANTO O CRISTIANISMO COMO O CONFUCIONISMO E O
BUDISMO SÃO REALIDADES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CULTURA
AS QUAIS NÃO PODEMOS EVITAR ASTUTAMENTE
COM UM ESTUDO CIENTÍFICO.”**

Eu já tinha tido a oportunidade de conhecer em Tóquio o diretor do Instituto, o professor Ren Ji Yun, com o qual havia me encontrado no Congresso Internacional de Orientalistas, realizado na primeira semana de setembro. Em Tóquio ele me recebeu cordialmente no seu Instituto e combinamos uma entrevista em Pequim. No dia fixado para o encontro ele ficou doente, e fez-se substituir pelo professor Gae Wangzhi, secretário geral e diretor do departamento de cristianismo. Com esta amável pessoa nos pusemos de acordo sobre vários pontos atinentes à religião, como, por exemplo, sobre o fato de que ela é um fenômeno próprio do homem, que marcou a história da humanidade e pertence a sua própria essência. O professor Gae conhece muito bem a história religiosa da China e me fez uma breve síntese dos acontecimentos mais decisivos.

A Academia de Ciências Sociais compreende 30 institutos, um dos quais, como me disse, é aquele sobre religiões. Em toda a Academia estão cerca de 5.000 estudiosos, e no Instituto para o estudo das religiões no mundo trabalha um grupo de uma centena de investigadores com diversas seções: taoísmo, confucionismo, budismo, cristianismo, islamismo, religiões em geral. A sua atividade principal é a pesquisa, mas organiza também cursos pós-universitários e prepara para as teses de doutorado. É independente da Universidade, mas coopera com as suas atividades, compreendendo um departamento de filosofia no qual existe uma seção de estudo das religiões.

Informaram-me de que o Instituto publica uma revista com estudos sobre religiões e constatei, ao folheá-la, uma certa preferência pelos temas históricos. É claro que a interpretação das religiões é feita de um ponto de vista ideológico. Assim notei, por exemplo, no sumário de um artigo redigido em inglês, o esforço para demonstrar que Cristo não foi um personagem histórico, mas lendário. Todavia, o próprio fato do interesse pelo cristianismo e pelo pensamento religioso em geral não é sem significado; se cumprido com sinceridade, não poderá deixar de se aproximar da verdade religiosa humana. Fizeram-me ver também um Dicionário das Religiões, um denso volume, recém publicado.

Perguntei ao Professor como explicava o interesse pela religião no quadro da concessão

marxista do materialismo dialético e histórico, que comporta uma irreligiosidade radical. Respondeu-me: “Na China respeitamos muito Marx e o marxismo. Marx foi um homem de ciência. Todavia, devemos encará-lo de modo pragmático, porque tudo muda rapidamente. É impossível aplicar ao pé da letra tudo quanto afirmou Marx em seu tempo. Se nos limitássemos aos seus ensinamentos, não poderíamos compreender e explicar muitos fenômenos atuais.

A União Soviética torna-se de modo mais dogmático; nisto não concordamos com os soviéticos. Por exemplo, no que concerne à religião, Marx e Engels profetizavam que ela desapareceria da Terra. Mas quem pode fazer uma profecia como esta sobre bases científicas sérias? Na China, tanto o cristianismo como o confucionismo e o budismo são realidades que contribuíram para a cultura as quais não podemos evitar astutamente com um estudo científico.”

A estima que o prof. Gae conserva por Ricci, a qual notei também falando com o prof. Ren, é muito elevada: considera-o um sábio na ciência, na língua e na história chinesas; segundo ele, Ricci deveria ser considerado um personagem nacional. Eu lhe relembro a sua contribuição dada ao estabelecer os limites geográficos da China no famoso mapa-múndi que serve ainda de base para marcar as fronteiras do país. O professor Gae acrescenta que Ricci escreveu vários livros em chinês, no estilo clássico mandarim. No momento estão traduzindo em chinês as suas cartas.

A importância de Ricci é devida, por outro lado, ao fato de que ele introduziu o cristianismo na China, embora alguns cristãos nestorianos tivessem já deixado algumas importantes marcas nos séculos VI e IX e alguns missionários dominicanos, e sobretudo franciscanos, nos séculos XIII e XIV, tivessem trabalhado com algum sucesso. Mas, na realidade só com Ricci o cristianismo lança raízes na China. O confucionismo e o budismo estão agora em declínio, mas tiveram um grande influxo e continuam a tê-lo também hoje. O budismo entrou na China por volta do século VI com a escola mahayana, que em seguida foi adaptada à cultura chinesa sob muitos aspectos.

Terminada a nossa conversa, tive a oportunidade de convidar o Professor para almoçar na embaixada argentina, tendo obtido deles autorização da embaixada e do pessoal, ausentes naquele dia. No al-

moço estavam também presentes o diretor das edições do Instituto e, pela embaixada, o encarregado de negócios, ministro Nicolas Sonschein. A reunião nos permitiu continuar a nossa conversa em uma atmosfera cordial.

A IGREJA CATÓLICA PATRIÓTICA CHINESA

O meu último, mas certamente importante, objetivo era o de visitar a Igreja católica patriótica e a sua autoridade. Repito que esse foi apenas um desejo meu, pessoal, sem nenhuma outra finalidade senão a de ter uma visão possivelmente exata de sua realidade atual.

No domingo, 11 de setembro, assistimos à missa das 9:30h. Quando cheguei, estavam saindo os fiéis que haviam assistido à missa anterior, das 8:30h. A igreja situa-se no meio de um parque com alguns edifícios anexos. O portal de ingresso ao recinto foi completamente renovado e pintado com verniz claro e com desenhos de cor vermelha, verde e ouro, em típico estilo chinês. Entrando no átrio percebo que está cheio de público que saía da missa anterior. Alguns são estrangeiros, mas a maior parte são chineses de todas as idades, compreendendo jovens e crianças. Uma gruta da Virgem de Lourdes abriga um grupo que reza com devoção.

A atmosfera é de festa e de piedade espontânea. Diante da igreja vendem-se objetos religiosos: medalhas, rosários (parece que os católicos chineses fazem grande uso deles), grandes quadros de Coração de Jesus, da Virgem Maria e da Ceia de Leonardo da Vinci, o catecismo e os livros de rezas em chinês. Tudo é barato. Os fiéis se amontoam em volta destes objetos, entre os quais existem também alguns de ornamento feminino.

Às 9:30h em ponto começa a missa, segundo o ritual romano-latino, anterior ao Concílio Vaticano II. O rito é impecável, o altar está resplandecente de luzes e flores. Durante a missa não se faz a homilia, mas, durante toda a cerimônia dominava um clima de verdadeira devoção e recolhimento. Contemplava com emoção esta presença viva de Cristo em Pequim, aquele grupo de cristãos católicos que podia professar a fé e dela dar testemunho. Para a comunhão se acomodavam cerca de 150 fiéis, naturalmente de joelhos na balustrada.

Junto de mim observei a profunda emoção com a qual uma senhora chinesa e sua filha de cerca de 12 anos acompanhavam as cerimônias de joelhos; no fim levantaram-se e se puseram a dizer o rosário com uma fé viva e evidente.

Terminada a missa, tive uma conversa com um dos sacerdotes que havia escutado as confissões durante a celebração. Apresentei-lhe os meus cumprimentos e lhe manifestei as minhas impressões, ressaltando a diferença que havia notado na visita

precedente em 1972, quando à missa estavam presentes só dois velhos chineses e alguns diplomatas. A igreja, naquele tempo, parecia totalmente vazia. O sacerdote confirmou-me que desde 1979 os crentes foram autorizados a assistir às funções religiosas nos seus templos. Antes que lhe perguntasse alguma coisa, informou-me que na diocese de Pequim estão se preparando 15 seminaristas e que em outras dioceses existem mais deles. Naquela de Shangai, por exemplo, há cinquenta deles. Observei que conservavam a estrutura da Igreja e da vida cristã ao ministrar os sacramentos e na sua preparação.

O meu interlocutor é, ainda mais, o diretor da juventude católica na diocese. Não quis suscitar o tema da separação de Roma, supondo já a resposta que me teria dado. Todavia, nos despedindo, falamos nas boas relações entre os católicos de todo o mundo. Respondeu-me em latim: *Oremus, ad invicem*, e prosseguiu em inglês: "Temos um mesmo Deus Pai, um mesmo Cristo e um mesmo Espírito Santo."

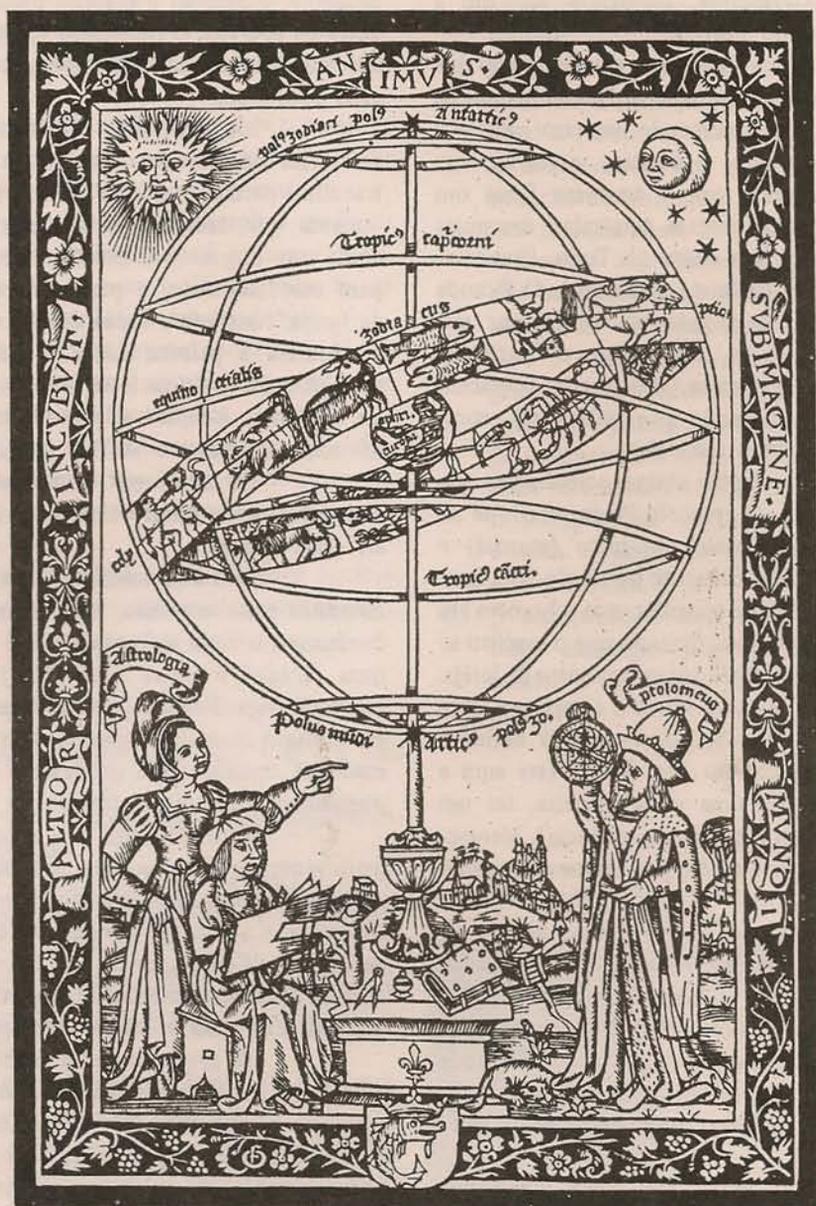
CONCLUSÃO

Não podemos nos iludir sobre possíveis mudanças do regime ou sobre um enfraquecimento substancial do mesmo num futuro imediato. Ainda menos podemos descuidar de levar em conta que no interior da estrutura marxista, a tendência monolítica estatal impõe fortes restrições à liberdade cultural e, entre estas, à liberdade religiosa, que é uma exigência da essência mesma do homem. Todavia, seria injusto não levar em conta a realidade dos fatos como os descrevi; eles demonstram um progresso evidente, seja na vida civil em geral, seja no interesse pela religião e pelo crescimento da liberdade religiosa na China popular. O ideal está distante. O meu desejo, depois da experiência feita na Pequim de hoje, é que a milenária sabedoria da China conduza, com o seu caráter pragmático e realístico, a uma posição de equilíbrio social, político, econômico e cultural, no qual venham a encontrar-se plenamente realizadas as exigências da natureza humana, a necessidade histórica e as aspirações legítimas do povo chinês.

Antes de terminar desejo agradecer, pela sua cordialidade, às autoridades chinesas que permitiram a minha visita às instituições pelas quais tenho um interesse especial. Assim, como pela simpatia com a qual em toda parte foi acolhido por seus dirigentes.

ISMAEL QUILES, SJ

Astro-Filosofia II



P

ara os físicos modernos, antes da existência do nosso universo havia um outro. Lá os planetas, no início quentes, se resfriaram. Com o decorrer do tempo, por falta de radiação caíram nos seus sóis. Estes, resfriados, caíram no centro de suas galáxias, estas, finalmente, caíram no centro do universo, formando uma grande bola de matéria. Pela pressão, essa bola concentrou-se cada vez mais, e a pressão aglomerada tornou-se tão forte e esquen-

tou tanto que a bola explodiu com um grande estrondo. É o assim chamado *Big Bang*.

A Bíblia refere-se a essa explosão inicial com as palavras de Deus: "Haja luz, e houve luz".

Os elétrons (partículas mínimas da matéria), lançados na explosão inicial para fora, formaram o campo elétrico (campo expansivo). Os elétrons que permaneceram no centro formaram o campo magnético (campo de atração). Entre esses

dois campos, o elétrico e o magnético, formou-se então o campo de gravitação, onde os elétrons, atingidos por ambas as forças, começaram a girar ao redor de si mesmos. Atraindo-se, formaram por fim a matéria primordial do universo.

Os indianos conheciam essa formação dos três campos já nos tempos védicos. Denominaram os *gunas*, que são os constituintes do universo: *rajas* — o *guna* expansivo, *tamas* — o atrativo, e *sattva* — o compensativo. Achavam que o universo fosse um grande Ser, vertido em muitas partículas, das quais cada uma seria a réplica exata do Todo, Brahman, o Ser Cósmico (não Brahma, o Criador). O Grande Ser, Brahman, manifestar-se-ia no cosmo por *sat-cit-ananda*, ou seja, vida, consciência e beatitude. Sua réplica, isto é, o homem (*atma*) seria, portanto, também tríplice, constituído por vida (*sat*), consciência (*cit*) e beatitude (*ananda*).

Todas as religiões antigas acreditavam que o homem era tríplice. O apóstolo Paulo referiu-se ao homem somático (corporal), psíquico (mental) e pneumático (espiritual). Somente no século IX a Igreja decretou, por resolução conciliar, que o homem era apenas duplo, corpo e alma, dizendo que o espírito só poderia ser alcançado através dos sacramentos da Igreja.

A visão de que o homem é tríplice é retomada na filosofia existencialista. Heidegger define o homem por três modos do Ser: *Dasein* (ser aqui e agora), *So-sein* (ser de uma certa maneira, ter um caráter) e *Ansich-sein* (ser na sua essência). Mencionamos aqui os termos alemães por serem mais precisos.

No horóscopo — que é uma réplica da conformação do universo no momento do nascimento de um ser individual — a triplicidade desse ser se manifesta por três seções ou modos de apresentar sua vontade: a vontade vital ou instintiva, a vontade mental de conhecer o seu ambiente e a vontade intuitiva de conhecer as energias cósmicas que o condicionam.

Essas três seções são quase iguais nos horóscopos de pessoas que nasceram em clima moderado, ou seja, até 30° de latitude geográfica. Em graus superiores de latitude tornam-se muito desiguais, o que faz, dos nascidos, menos equilibrados. É uma das razões da diferença entre os povos latinos e germânicos, apesar de ambos serem da mesma raça.

A diferença, porém, entre a Astrologia ocidental e a oriental é étnica e, portanto, fundamental. A filosofia ocidental começa com o fenômeno, com a aparição da bipolaridade. Tudo que aparece, cada fenômeno (do verbo grego *phanein* = aparecer) é bipolar, tem um pólo positivo e um negativo. A matéria-prima, o primeiro fenômeno, aparece de quatro modos: radiante (fogo), gasoso (ar), líquido

(água) e sólido (terra). A Astrologia ocidental conta com esses quatro elementos, enquanto a oriental conta com cinco, sendo o quinto, que para eles é o primeiro, o *akasha*, a matéria primordial que existia antes de aparecer o fenômeno e, portanto, sem bipolaridade. É mera radiação, energia, capaz de modificar cada elemento.

Os alquimistas da Idade Média sentiram essa falta na filosofia ocidental. Ao realizarem seus trabalhos de transmutação da matéria, tiveram forçosamente que descobrir o 5° elemento, o éter. Mas, como nas línguas ocidentais não havia uma palavra para esse elemento, e para evitarem a perseguição da Igreja, contrária a todas as descobertas científicas, inventaram a palavra *AZOTH*. *AZOTH* é formado pela primeira e última letra dos três alfabetos usados no Ocidente: A-Z, no alfabeto latino, A-O (ômega), no alfabeto grego e A-TH, no alfabeto hebraico.

Os astrólogos ocidentais, porém, permaneceram com os quatro elementos fenomenais: fogo, ar, água e terra.

Para a humanidade primitiva, o fogo era o elemento mais venerado, pois transmitia luz e calor. Produziam o fogo esfregando duas madeiras — uma dura (acácia) e outra mole (figo) — até sair uma faísca de fogo. Essa faísca tornava-se labareda quando em contato com uma matéria combustível. As duas madeiras cruzadas para produzir o fogo tornaram-se posteriormente a cruz, símbolo da matéria.

Na Índia, Agni — o deus do fogo — era o mais venerado. Isso porque, não só transformava a madeira em fogo, mas transformava também a água em vapor, e a vontade humana em livre-arbítrio. Ainda hoje é difícil encontrar um brâmane que tenha a ousadia de apagar a chama de uma vela com seu sopro, pois tal seria uma ofensa a esse deus tão poderoso.

Os gregos criaram o mito de Prometeu, que roubou o fogo reservado ao uso dos deuses e o entregou aos homens. Por esse crime, Prometeu foi severamente punido por Zeus, deus da Lei Universal. Naturalmente, não se trata aqui do elemento fogo, que a humanidade já conhecia antes de surgir o mito grego. Trata-se do fogo divino, do livre-arbítrio, que só os deuses possuem e que Prometeu, um Titã, uma força ainda indomada, entrega ao homem. O ideal do homem grego é o herói, o homem que combate os obstáculos e não permite a limitação da sua vontade por energias superiores. Por isso, no mito grego, Hércules — o protótipo do herói grego — liberta Prometeu da sua prisão, contra a vontade de deus (Zeus), tornando-se assim semideus e levado ao Olimpo (sede dos deuses).

Como o fogo transforma a madeira em cinza, a água em vapor, e derrete os metais, assim também a vontade dos seres vivos os transforma em seres superiores. A vontade de sair da água transfor-

mou o peixe em réptil; a vontade do réptil de locomover-se fê-lo quadrúpede; a vontade do quadrúpede de conhecer seu ambiente sem deslocar-se aguçou seus sentidos, e a vontade do homem de conhecer princípios tornou-o o homem que pensa. A atuação da vontade foi a que sempre propiciou a evolução. A vontade humana, unida à vontade divina, ou seja, ao livre-arbítrio, torna o homem herói e digno de dirigir os menos evoluídos.

O elemento oposto ao fogo é a água. O fogo tem a tendência de subir, e a água, de descer. Por isso, na tradição oculta, o fogo é simbolizado por um triângulo com a ponta para cima, e a água por um triângulo com a ponta para baixo. Um excesso de fogo evapora a água e um excesso de água apaga o fogo ($\Delta \nabla$).

A água é o elemento que assimila o que lhe é despejado ou o leva consigo, como por exemplo os minerais, que não pode assimilar. Quando parada, a água reflete o mundo superior, mas não o assimila. Sob essas considerações, o elemento água foi considerado na psique humana como sendo o subconsciente, que apreende as impressões do consciente, guarda-as por muito tempo e, quando são fortes demais, reage com emoções.

Mas, conforme o relato bíblico da Criação, existem duas águas, que Deus separou uma da outra: as de baixo e as de cima. Do mesmo modo existem na psique humana duas manifestações do elemento água: emoções e sentimentos. Os homens costumam chamar certas emoções também de sentimentos, mas, de fato, essas emoções não são sentimentos, mas sim ressentimentos. O verdadeiro sentimento é positivo, não recebe, mas dá. Seria melhor designado pela palavra amor.

Os gregos comparavam as duas manifestações do elemento água com a água salgada do mar e a água doce dos rios. Existe o conto da viagem de Odisseu (Ulisses) através do mar salgado, sempre perseguido pelo deus do mar (Poseidon) até atingir a água doce de um rio no país dos Pheakas — uma espécie de paraíso na mente grega. Todos os estágios que Odisseu atravessa no seu percurso de dez anos simbolizam as emoções que o homem tem de superar na sua viagem evolutiva, até atingir a água pura, o amor universal.

Aliás, é interessante notar que os estágios que Odisseu tem que ultrapassar nesta viagem são treze, o que lembra a passagem da Lua por treze signos zodiacais durante o ano. Portanto, é um mito lunar, enquanto o mito de Hércules — que deve realizar doze trabalhos, é um mito solar. Já temos explicado em artigos anteriores a diferença entre o ano solar e o ano lunar, dos quais o primeiro é positivo e consciente, e o segundo, receptivo e subconsciente. Os dois conceitos polares — positivo ou receptivo,

consciente ou subconsciente, fogo ou água — correspondem em última análise aos dois luminares — Sol e Lua. São os dois pólos do mesmo fenômeno: luz.

Da quantidade de planetas que se acham num ou noutro signo de fogo ou de água depende ser o dono do horóscopo, mais ativo ou mais receptivo.

O terceiro elemento, o ar, representa na psique humana a contactabilidade, o ar que entra em tudo e faz contato com tudo. Pode tratar-se de um contato físico, uma sociabilidade, ou de um contato mental e inteligente.

O fenômeno a que chamamos ar é composto de quatro elementos atômicos: nitrogênio, oxigênio, hidrogênio e de um quarto elemento, ainda desconhecido no Ocidente por não ser fenomênico, um elemento de mera vibração que não se pode medir ou pesar, e que os indianos chamam de *prana*. A distribuição desses elementos atômicos no ar é a seguinte: 78% de nitrogênio (N), 21% de oxigênio (O), 1,5% de hidrogênio (H) e 4,5% de *prana*. O nitrogênio faz parte do elemento terra (matéria firme); o oxigênio é alimento do elemento fogo, pois o fogo apaga-se quando não há mais oxigênio, portanto só arde quando existe ar; o hidrogênio é parte essencial da água, que é atômicamente uma mistura de hidrogênio e oxigênio (H₂O); o *prana* faz parte do quinto elemento — *akasha* — transmitindo vida, que é uma das três manifestações de Deus, o *sat*, da trindade *sat-cit-ananda*. Por isso o Yoga insiste tanto no *pranayama* (exercícios de respiração), porque o ar inspirado ativa a vitalidade pelo *prana*, a vontade (fogo) pelo oxigênio, os sentimentos (água superior) pelo hidrogênio e o físico (terra) pelo nitrogênio.

Essa é a razão pela qual muitos planetas em signos de ar indicam no horóscopo flexibilidade, sociabilidade, inteligência e possibilidade de conceber a divindade.

O quarto elemento, a terra, é a base dos outros três elementos. Sem combustível (terra) o fogo não arde. A terra, através do seu magnetismo, segura o *prana*, o fator vital, pois sem ar não haveria vida na Terra. A terra retém a água, o alimento de todos os seres vivos. Por isso, a terra é considerada a base de tudo. Seu símbolo é a cruz, a cruz na qual o espírito é crucificado. Livrá-lo dessa crucificação é a meta de todo ser humano.

O teor de realidade do dono do horóscopo depende do número de planetas encontrados nesse horóscopo em signos de terra.

Conhecemos assim as três seções do Grande Homem, Adam Kadmon, resultando dos *gunas*, ou campos, com os quatro elementos que o constituem, assim como a nós, que somos sua réplica. Vejamos então como são formados os doze signos

zodiacais pela mistura dos três *gunas* com os quatro elementos ($3 \times 4 = 12$).

Como já sabemos, os doze setores, ou casas, seguem a regra geométrica de doze bolas cercando a periferia, cujos raios correspondem ao diâmetro delas.

Se imaginássemos o Grande Homem, a imagem de Deus, deitado no círculo do zodíaco, então sua cabeça estaria no primeiro signo, onde a vida é despertada: no signo de Carneiro.

Carneiro é um signo positivo, expansivo por ser do *guna rajás*, e voluntarioso por ser do elemento fogo. Transmite, portanto, a todos os seres vivos dentro do Grande Homem, por serem a sua réplica, a vontade de viver, de expandir-se, de comandar.

A atividade do Grande Homem manifesta-se na sua cabeça, sede dos seus cinco sentidos e de um sexto sentido que é a mente, cuja sede é o cérebro. Por isso, pessoas com o signo de Carneiro predominantemente no seu horóscopo, seja por terem o Ascendente — o Sol ou a Lua — nesse signo, são sensíveis na cabeça e muitas vezes sofrem de fortes enxaquecas.

No horóscopo individual, o primeiro signo nem sempre corresponde ao signo de Carneiro. É o signo zodiacal que surge no horizonte no momento do início do seu metabolismo individual, que se manifesta pelo primeiro grito do recém-nascido. Pode ser qualquer um dos doze signos zodiacais que surge nesse momento no horizonte; mas será ele que determinará como o nascido vai se apresentar ao mundo; determinará sua vitalidade, sua constituição física e mental e a tarefa que terá de desenvolver nessa nova vida. É portanto sua vontade vital.

Quando a hora do nascimento é incerta, muitas vezes pode-se deduzir o signo do Ascendente através dos traços físicos do nativo. Os traços significativos do Carneiro são uma cabeça estreita e bem formada (dolicocéfalo), um nariz saliente, tornando o perfil semelhante ao do animal carneiro. O signo de Touro no Ascendente é indicado por uma cara redonda, por um pequeno nariz e um olhar tranqüilo. O signo de Gêmeos é reconhecido pela postura do nativo: inclinado para frente, por estar sempre correndo à procura de novidades e nem sempre se dar tempo para respirar profundamente. O signo de Câncer torna o aspecto da pessoa como um pãozinho molhado: gorducho e com um olhar sentimental. O signo de Leão proporciona sempre uma frente abaulada, cabelos que lembram a crina do leão, um olhar luminoso e dominante. O signo de Virgem faz os traços regulares, harmoniosos mas não bonitos. Falta o *sex appeal*. O signo de Libra torna a pessoa elegante e comunicativa. É a aparência do diplomata nato. Reconhece-se o signo de Escorpião por uma boca estreita e um olhar

mágico. O signo de Sagitário é sempre marcado pelo cabelo que cresce com “bico de viúva” e entrando nas fontes, formando assim dois semicírculos. O signo de Capricórnio confere ao nativo um caráter seco e com expressão severa. O signo de Aquário é difícil de descrever; o aquariano se revela mais pela sua mentalidade avançada e até revolucionária do que pelos traços do rosto. Os de Peixes têm a mesma forma de crescimento dos cabelos dos sagitarianos, mas têm uma expressão sentimental e até irreal nos olhos.

Essa tipologia foi uma divagação para determinar o Ascendente, quando a hora certa do nascimento é desconhecida.

Voltamos agora ao signo de Carneiro, que é o primeiro do zodíaco. Representa atividade, por ser um signo positivo; expansividade, por ser do *guna rajás*; vontade, por ser um signo de fogo. Nele, a vontade aparece de modo vital e instintivo, por pertencer à primeira seção do horóscopo (*Da-sein* = existência).

A vontade (fogo) manifesta-se de maneira diferente na segunda seção (*So-sein* = ter um caráter) do horóscopo. O signo de Leão encontra-se no campo magnético (*tamas*). Aqui a vontade gira ao redor de si mesma. Na Bíblia é o momento em que Adão come do fruto da Árvore do Bem e do Mal e começa a perceber a bipolaridade de cada fenômeno. Começa a ver a si próprio como um “eu”, em oposição a outros “eus” que chama de “tu”. Com essa descoberta inicia-se no Grande Ser a seção psíquica, o *So-sein*, como diria Heidegger. Foi esse conhecimento que expulsou Adão do Paraíso, onde os animais ainda permanecem.

O egoísmo desenvolveu-se cada vez mais até o homem imaginar-se mais importante que o próprio Ser Universal que o criou. Fica na escravidão da matéria, que a Bíblia simboliza como o país do Egito. Lá o anjo da morte o chama; não o anjo da morte física, mas o da morte psíquica. Ao atender a esse apelo, o homem deverá sacrificar seu egoísmo, mesmo que no início se encontre peregrinando através de um deserto. Mas, depois desse tempo de provação, espera a “terra prometida”, o Jardim do Éden, onde encontrará a Árvore da Vida Eterna.

No horóscopo individual, o egoísmo — ou a psique — acorda no quinto setor, porque no Homem Espacial o signo de Leão é o quinto signo. O homem tem cinco sentidos que no ocultismo é representado pelo pentagrama, a estrela de cinco pontas (☆). O quinto setor do horóscopo informa sobre a vontade do nativo de exibir-se como um ser especial, na sexualidade, no esporte, nas ambições, e informa também sobre as consequências dela — os filhos, as competições e as especulações.

O terceiro signo de fogo (vontade) inicia a terceira seção do Grande Homem, seu *Ansich-sein*,

sua essência; aqui o fogo se encontra no campo de gravitação (*sattva*), e se une com a vontade cósmica, resultando em livre-arbítrio. Acontece no signo de Sagitário, porém poucos homens atingiram até agora esse grau e, portanto, pode-se falar de livre-arbítrio só em casos excepcionais. Sagitário é o nono signo zodiacal e corresponde, portanto, ao nono setor do horóscopo individual. Informa sobre a vontade cósmica do nativo, ou seja, uma abertura do seu horizonte mental através da filosofia. No homem primitivo, indica só uma abertura de seu horizonte geográfico por contato com estrangeiros ou países forâneos.

De acordo com essas três manifestações da vontade humana, formam-se as três seções do horóscopo: do Ascendente ao quarto setor, a pessoa vital (*Da-sein* = estar); do quinto ao oitavo setor, a formação psíquica do nativo, seu *So-sein*, ou caráter; e do nono ao décimo segundo setor, sua individualidade (*Ansich-sein*). Conforme a diferença entre as três modificações do Ser, os interesses são diferentes em cada seção.

O primeiro interesse do homem vital é conhecer seu ambiente material. Por isso, a vontade (fogo) do primeiro signo zodiacal, o do Carneiro, dirige-se para o signo material (terra) de Touro, para estudar os valores básicos da matéria.

Imaginamos a cabeça do Grande Ser, Adam Kadmon, no signo de Carneiro; então o signo de Touro representará sua garganta. A garganta serve para engolir a comida (matéria), mas também é um órgão criativo por conter a voz, o "verbo", através do qual o homem se comunica com os seus semelhantes.

Correspondendo a essas características do espaço cósmico de Touro, os taurinos gostam de tudo que é material: a terra, as plantas, os animais, a comida e o dinheiro que lhes permite uma vida confortável. Também têm uma bela voz; muitos cantores famosos — como Caruso e Gigli — nasceram sob o signo de Touro.

Correspondendo ao segundo signo zodiacal, o segundo setor (casa) no horóscopo individual informa sobre a situação material do nativo, ou seja, sobre suas finanças.

Na segunda seção do zodíaco, a psíquica (*So-sein*), a vontade do signo de Leão se dirige para um signo de terra que se acha no campo de gravitação (*sattva*) e, portanto, é mais manejável. É o signo de Virgem. Aqui, a vontade autoconsciente do signo de Leão se dirige para o signo material, pesquisando-o. Assim, o signo de Virgem se torna o dos colecionadores, contadores e pesquisadores científicos. Virgem é o sexto signo zodiacal e corresponde, portanto, no horóscopo individual, ao sexto setor. Aqui o Adão, agora autoconsciente (Leão), tem que trabalhar com a matéria, "com o suor do seu rosto" como diz a Bí-

blia, por ter sido expulso do Paraíso. Assim, o sexto setor do horóscopo individual informa sobre o trabalho do nativo, sua espécie e os empregados que trabalham para ele.

No Grande Homem, que é imaginado com um corpo físico como o nosso, já dissemos que Carneiro corresponde à cabeça; o Touro, à garganta. Vem então Gêmeos, que corresponde aos braços e pulmões; Câncer, ao estômago; Leão, ao coração e Virgem, ao intestino grosso. De fato, quase sempre os nascidos do signo de Virgem sofrem de intestino preso e, como muitas doenças decorrem da má digestão, o sexto setor — que corresponde ao signo Virgem no Grande Homem — indica também doenças.

Na terceira seção do zodíaco, no *Ansich-sein* do Grande Homem, a vontade universal, ou livre-arbítrio, do signo de Sagitário procura a terra (matéria) no signo de Capricórnio. Aqui o elemento terra se acha no campo expansivo (*rajas*), e acontece a elevação da matéria, que é simbolizada pela montanha. Nos símbolos chineses do *I Ching*, a montanha (☶) significa a evolução e integração do homem. A astrologia ocidental escolheu como símbolo a cabra, animal que sobe as mais altas montanhas e lá de cima observa o mundo dos vales. Do mesmo modo, o capricorniano vê a matéria desinteressadamente, para organizá-la globalmente. Não foi por acaso que sob este signo, no dia 25 de dezembro, nasceram Horus, no Egito, Krishna, na Índia, Mitra, na Pérsia e o Cristo, na Palestina. Capricórnio é o décimo signo do zodíaco e corresponde, portanto, ao décimo setor (casa) no horóscopo individual, que informa sobre a profissão do nativo, o trabalho com a matéria que ele escolheu de acordo com a vontade universal. É a sua vocação.

Após ter tomado contato com a matéria de acordo com as três modificações do Ser, o Grande Homem relaciona-se com os seres vivos. Na seção vital (*Da-sein*), ele toma contato com os seus semelhantes no signo de Gêmeos. Este é um signo de ar (contato) no campo de gravitação (*sattva*). Aliás, é um signo duplo como o de Peixes. Essa duplicidade indica mais uma característica do signo. Os piscianos têm por isso como que duas almas. Tudo isto torna o signo de Gêmeos o mais irrequieto e instável de todo o zodíaco. Não esqueçamos que o terceiro patriarca do povo judeu — Jacó — era irmão gêmeo de Esaú. Ele conseguiu sua primogenitura por um truque algo desonesto. Do mesmo modo, o nascido sob o signo de Gêmeos raramente é zeloso quanto à moral e está sempre à procura de novidades. Gêmeos representa o terceiro signo do zodíaco e, correspondendo a isso o terceiro setor (casa) do horóscopo individual, informa sobre as relações de comunicação com outros indivíduos: viagens, escritas, etc. Registra também os primeiros contatos que a criança faz com irmãos, primos e tios.

Na segunda seção, que é autoconsciente, o *So-sein*, o signo de ar (contato) é a Balança. Acha-se no campo expansivo (*rajas*) e confere, portanto, sociabilidade, tornando-se o signo mais sociável e diplomático do zodíaco. Balança é o sétimo signo e corresponde no horóscopo individual ao sétimo setor (casa). Informa sobre as associações do nativo, tanto no matrimônio como no comércio. Informa também sobre a popularidade do indivíduo, e sendo a balança o atributo da deusa da justiça, informa também sobre problemas legais.

Na terceira seção do zodíaco, no *Ansich-sein* do Grande Homem, o signo de ar (contato) é o Aquário. Encontra-se no campo magnético (*tamas*). O aquariano acha-se unido a todos os homens. Pertence ao mais humanitário e tolerante dos signos. Por isso, a era na qual a humanidade está entrando agora pela progressão do Sol na Via Láctea é a era dos "direitos humanos". Aquário é o décimo primeiro signo e corresponde, desse modo, ao décimo primeiro setor (casa) no horóscopo individual, que informa sobre o comportamento do nativo com amigos e protetores.

O Grande Homem zodiacal assimila e digere seus contatos materiais e sociais nos signos de água. Na seção vital, ou instintiva, o primeiro signo de água é o de Câncer, que se encontra no campo expansivo (*rajas*). Nessa seção, as emoções são ainda instintivas; são as do animal que ama sua cria até um certo ponto, mas desliga-se dela quando os filhotes se tornam adultos. Escolheram como símbolo desse setor zodiacal o caranguejo, animal que anda para trás, porque os cancerianos parecem andar para trás no tempo, na família, no passado, nos ancestrais, na História, na Arqueologia. Câncer é o quarto signo do zodíaco e, correspondendo ao quarto setor (casa) no horóscopo individual, informa sobre a estirpe do nativo, sua pátria, sua família, seus ancestrais, sua infância.

Na segunda seção do Homem zodiacal, a autoconsciente ou psíquica, o signo do elemento água é o Escorpião. Encontra-se no campo magnético (*tamas*). As emoções do ego, acordado nessa seção, giram em redor de si mesmo, aumentando a sua emotividade, o que pode tornar o nativo desse signo até criminoso. Porém, se no decorrer de muitas encarnações ele começa a aprender que no cosmo existe uma vontade universal, superior à individual, ele pode superar seu próprio egoísmo.

Antigamente foi atribuído ao oitavo signo do zodíaco o símbolo da águia, ave na qual Zeus se transformou para levar Ganimedes ao Olimpo. Quando João Batista pregou na Palestina, ele disse, como refere o Evangelho de João, escrito em grego: *Meta-noeithe*, o que foi mal traduzido por "façam penitência", mas que quer dizer: "Virem o seu pensa-

mento" (do egoísmo para o altruísmo). A quase totalidade da humanidade parece agora encontrar-se nesse setor do zodíaco, ou seja, no signo de Escorpião. Escorpião é o oitavo signo do zodíaco e, de acordo com isso, o oitavo setor (casa) do horóscopo individual informa sobre a relação do nativo com o universo, o mundo metafísico, com o seu tronco invisível, do qual brotará sua vida futura. Antigamente, o oitavo setor do horóscopo foi chamado setor da morte; mas não se trata da morte física, mas sim da morte do ego para alcançar o individual.

Na terceira seção do Grande Homem, o signo da água, ou da assimilação, é o de Peixes. Na Cabala (tradição hebraica) o peixe é o símbolo do iniciado. Josué, que levou o povo eleito para a "terra prometida", é indicado como filho de Nun, o peixe. Mas como nem todo mundo é iniciado, existe um segundo peixe que nada em direção oposta. Assim, podem encontrar-se nesse signo homens muito evoluídos, como também muito confusos, até mesmo criminosos. Depende se neles a água emocional já está purificada ou ainda cheia de resíduos que as emoções produziram. Durante 2.000 anos o nosso sistema achava-se nesse signo duplo; essa duplicidade manifestou-se durante todo este tempo, culminando com o extremo resultado no fim da era que marca o cristianismo, quando cristãos combatem cristãos na Irlanda. O signo zodiacal de Peixes encontra-se no campo de gravitação (*sattva*), mas infelizmente a era de Peixes não conseguiu unir o opostos. Serviu, ao contrário, para definir mentalidades opostas, tornando-se por isso, em vez da era do Amor, na era de guerras contínuas. Peixes é o décimo segundo signo zodiacal e corresponde, portanto, ao décimo segundo setor (casa) no horóscopo individual. É o último setor e indica, portanto, um fim, uma reclusão, voluntária ou forçada. Nativos que se acham ainda na primeira seção vital do horóscopo podem sofrer uma reclusão por doença, se o décimo segundo setor estiver ocupado por planetas. Os que estão no grau autoconsciente da evolução podem ser punidos por se envolverem na política ou no crime. Os evolutivamente já espiritualizados procurarão, provavelmente por vontade própria, uma reclusão, para unirem-se às idéias de seres mais evoluídos.

Conhecemos, pois, a estrutura do Homem Superior, o zodíaco, e a réplica desse Grande Ser no homem, que se manifesta através do seu horóscopo. A importância das seções e dos setores (casas) é determinada nos horóscopos individuais pela presença de luminares e planetas, dos quais acreditamos interessante falar futuramente.

ILSE MARIA SPATH

O HAIKAI



Haikai deriva do clássico *Tanka*, poema japonês de 31 sílabas, dividido em dois versos: o primeiro, com três estrofes de 5, 7 e 5 sílabas; e o segundo, com duas de 7 sílabas. Esta divisão gerou o costume de os poetas reunirem-se para elaborar coletivamente os poemas: um criava a primeira parte e outro, a segunda. Assim, ludicamente se engendravam longas séries de versos que foram denominados *Renka*. Com o tempo, a primeira parte do *Tanka* de 5, 7 e 5 sílabas, adquiriu autonomia dispensando a segunda. Estes pequenos poemas curtos e satíricos, repletos de jogos de palavras, ficaram famosos em todo o Japão sob o nome de *Renka Haikai* ou, simplesmente, *Haikai*.

Este gênero poético floresceu durante o século XVII e seus maiores cultores foram: Bashô (1644-1694), Buson (1715-1783), Issa (1763-1827) e Shiki (1866-1902).

A grande contribuição de Bashô foi a de infundir na sintética forma do *Haikai* a amplidão do pensamento Zen.

Bashô via num pequeno crisântemo a ordenação cósmica do Universo, e cristalizava esta percepção instantânea em poema:

*em profundo silêncio
o menino, a cotovia
o branco crisântemo*

Bashô

*branco crisântemo
ante sua perfeição
hesita a tesoura*

Bashô

Suprimindo as fronteiras entre o mundo interior e exterior, o ser individual imerge na totalidade como uma gota no oceano:

*velho lago
mergulha a rã
fragor d'água*

Bashô

Flores e versos (século XVII) de Tawaraya Sotatsu e Honami Koetsu.



Bashô contemplava num harmonioso entardecer de primavera uma tranqüila lagoa quando uma rã, saltando sobre a água, rompeu subitamente sua lisa superfície. Não com um forte ruído mas com um som claro e distinto. Ao ouvir este cristalino som, o poema fluiu quase que involuntariamente leve e simples, sem artifício algum.

O *Haikai* é o olho do furacão, o toque profundo de um gongo de bronze, o iridescente relâmpago que subitamente reluz na escuridão da noite.

O *Haikai* é o satori, a iluminação Zen que repentinamente surge no caminho.

*ao sol da manhã
uma gota de orvalho
precioso diamante*

Bashô

O *Haikai* deve conter pelo menos uma palavra que faça referência a uma estação do ano. Esta relação pode ser transmitida diretamente por expressões como “vento de outono”, “fim de verão”, “lua cheia de outono”, ou indiretamente simbolizada através de fenômenos naturais ocorrentes durante estas estações.

Para primavera, por exemplo, temos expressões como “vento do leste”, “montanhas sorridentes”, “rã”, “bicho da seda”, “glicínia”, “azaléia”.

*ar revolto
flui a Via Láctea
sobre Sado*

Bashô

Via Láctea, neste *Haikai*, tem uma infinidade de significações: em primeiro lugar, refere-se ao outono, estação em que o céu torna-se claro e estrelado. Em segundo lugar, recorda a lendária história de amor entre duas estrelas, no dia em que é celebrado o Festival das Estrelas.

A ilha de Sado, muito distante da costa escarpada, somente pode ser vista no horizonte em noites de céu límpido e constelado.

Na amplidão do firmamento flui a Via Láctea como um rio na direção da enigmática Sado, pairando sobre as turbulentas ondas do mar encrespado.

Para o pensamento Zen, as coisas são o que são:

*na neve branca
da paisagem branca
um corvo negro*

Bashô

Antes de se praticar o Zen, as montanhas são montanhas e os rios, rios.

Ao iniciar-se a prática do Zen, as montanhas deixam de ser montanhas e os rios deixam de ser rios.

Porém, ao atingir-se o conhecimento do Zen (satori) as montanhas voltam a ser montanhas e os rios, rios.

Certa vez perguntaram ao mestre Zen Joshu, qual era o princípio fundamental do Zen e ele calmamente respondeu:

– O cipreste do pátio.

– Está decerto falando simbolicamente – disseram.

– Não estou falando em linguagem simbólica – disse Joshu.

– Então qual é o real princípio fundamental do Zen?

– O cipreste do pátio – respondeu novamente o mestre.

O pensamento Zen em sua amplidão é jogado muito além dos restritos tabuleiros da dualidade do bem e do mal, do nascimento e morte.

Perguntaram ao mestre Joshu:

– Onde está o caminho?

– O caminho passa por detrás da cerca – respondeu Joshu.

– Não falo deste caminho, estou me referindo ao chamado “Grande Caminho”!

– Este caminho vai até a Capital! – retrucou serenamente o mestre.

Certa feita, indagaram ao mestre Gensha onde estava a entrada do Caminho da Verdade:

– Ouve o murmúrio do rio? Lá está a entrada – respondeu Gensha.

O poeta Bashô conhece então o mestre Zen Bucchô, e sob os seus ensinamentos pratica a meditação Zen, *zazen*, que doravante influenciará marcantemente sua poesia.

Mestre Bucchô – Como tem passado?

Bashô – Após as chuvas da primavera, o verde musgo cresce.

Mestre Bucchô – O Zen estava presente antes do verde musgo?

Bashô – A rã mergulha no lago! Ouça o Som!

Desperto pelo satori, desenvolve de maneira inovadora o *Haikai* tornando-se profundo e enigmático como o *Koan*, aforismo Zen que visa, através de uma pequena frase formulada numa linguagem desconcertante, infundir no praticante um estado mais profundo de consciência.

*ekoando*¹

Bashô percorreu os caminhos como poeta errante. O pensamento Zen é errante, livre dos encaideamentos da dualidade do bem e do mal e das enclausuradas categorias da lógica.

“Dias e noites são passageiros da eternidade. Assim são os anos que passam. Muitos lançaram o barco através dos mares ou cavalgaram pela terra, tendo passado todos os minutos de suas vidas viajando. Tenho sido tentado há muito pela nuvem-vente ventania, tomado por um grande desejo de sempre partir.” Com estas palavras inicia-se a *Estreita Senda do Norte Profundo*, o famoso diário de viagem de Bashô. Nesta obra manifesta-se seu fluir contínuo e errante através da eternidade, a cosmopulsante unidade estabelecida entre o elemento efêmero, transitório e mutável (*ryuko*) e a imutável e eterna essência (*kyo*):

gota de orvalho (transitório – *ryuko*)
ao sol da manhã (eterno – *kyo*)
precioso diamante (unidade)

A eternidade é captada num instante (satori):

num grão de areia ver um mundo
na flor silvestre a celeste amplidão
segura o infinito em sua mão
e a eternidade num segundo

William Blake²

Através da amplidão do pensamento Zen não dualista, o transitório e o eterno são na verdade um.

Quando perguntavam a Buda se era ele o “iluminado” ele simplesmente respondia:

– Não sou iluminado, sou o desperto, apenas percebi o que antes já possuía sem saber.

borboleta adormecida
sobre o gongo
do templo

Buson

fogo brando
e de repente . . .
ferve o bule!

Oemaru

O *Haikai* é um fragmento da natureza:

descrever flores
melhor que meus versos
brancas borboletas

Reikan



Chao-fu e o Boi, de Kano-Eitoku (1543-1590).

“Parti rumo à Praia Colorida, assim denominada por ser inteiramente coberta por róseas conchas. Naveguei calmamente por mais de sete milhas e o vento soprava suavemente a nosso favor. Um marinheiro chamado Tenya me ofereceu, durante a viagem, comida e bebida. Na praia estava um pequeno templo da seita Lótus. Tomei chá quente e saquê, inteiramente imerso na profunda suavidade daquela paisagem.”³

conchinhas e pétalas
danzando misturadas
rolando nas ondas

Bashô

*espelho d'água
a chuva de verão
ondula as estrelas*

Sora

“A ilha de Ojima era na verdade uma imensa península que se projetava sobre o mar aberto. Neste lugar, existe ainda a rocha sobre a qual o mestre Ungo meditava. Pequenas cabanas de palha perfilavam-se entre os pinheiros e tênue fumaça azulada delas exalava pelas chaminés de pedra. Gostaria de saber que tipos de pessoas habitavam seus interiores e já me aproximava de uma delas quando fui surpreendido pela rósea lua resplandecendo sobre a misteriosa escuridão do mar. Voltei à pequena estalagem suspensa no alto da montanha onde se avistava toda a baía. Sentei-me na cama e através das janelas abertas, sob o tênue murmurar do vento, contemplei extasiado o movimento das plateadas arquiteturas formadas pelas nuvens. Sentia-me como se estivesse em outro mundo.”⁴

*até as nuvens pararam
a contemplar
clariperfeita a lua*

Bashô

“Um maravilhoso sol saudou-me pela manhã. No pequeno barco, as cintilações luminosas do sol brilhavam douradas sobre as águas. Após navegar por certo tempo, cheguei à pequena ilha, famosa por ter sido o local de meditação do mestre Noin e pelo fato de lá se encontrar, na alvura da praia e sobre as águas cristalinas, a antiga cerejeira celebrada no poema de Saigyô.”⁵

*entre ondas de flores
pescadores navegam
num mar de cerejeiras*

Saigyô

“Enquanto o Ocidente aspira à medida, o Oriente aspira à vaga amplidão.” Esta frase lapidar do poeta Yeats exprime com perfeição a postura da arte Zen. Enquanto um escultor ocidental renascentista tem como preocupação fundamental o rigor das proporções, um escultor budista detém-se mais na expressão serena de Buda que nas proporções corretas da estátua. Um guitarrista indiano estará, de certo, mais concentrado em exprimir musicalmente a flor de lótus flutuando sob a tênue brisa, que no rigor dos compassos.

O conceito fundamental para entendermos a arte Zen é o de ilimitação.

O satori é a lua cheia brilhando num cristalino firmamento sem nuvens, sendo refletida num polido espelho d'água.

*lua n'água
feixe reflexo
cintilâncias*

Ryota

*pela janela
entreaberta
um raio de luar*

Kyorai

*anunciando a alba
na mão da noite
uma tocha!*

Bashô

Quando perguntaram ao mestre Joshu qual era a verdade última do Zen, ele respondeu:
— Tua vida cotidiana, esta é a verdade última do Zen!

*poema sem palavras
harpa sem cordas
portão sem portas*

Alberto Marsicano

Notas

Todos os *Haikai* deste artigo foram traduzidos por Alberto Marsicano.

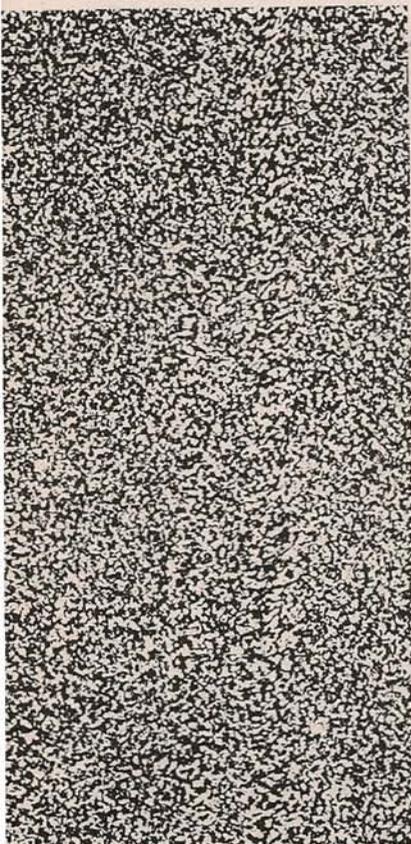
1. *ekoando* — jogo de palavras composto de ecoar + *koan*, frase enigmática proferida pelos mestres Zen-Budistas que, descodifica a sistematização normal de pensamento, visando a elevação da mente do discípulo a outro estado de percepção.
2. *Escritos de William Blake*, tradução de Alberto Marsicano. Ed. L&PM.
3. *A Estreita Senda do Norte Profundo*, Bashô, tradução de Alberto Marsicano. (inédito)
4. *Idem*.
5. *Idem ibidem*.

Bibliografia

- Blyth, R. H., *Haiku*, The Hokuseido Press, Tóquio, vols. I e IV.
Blyth, R. H., *A History of Haiku*, The Hokuseido Press, Tóquio, vols. I e II.
Blyth, R. H., *Zen and Zen Classics*, The Hokuseido Press, Tóquio, 1964, vols. I, II e III.

ALBERTO MARSICANO

A Guerra de Tróia



Meus caros amigos, vamos hoje conversar um pouco sobre a Guerra de Tróia.

O primeiro aspecto curioso dessa guerra é que se deu entre cidadezinhas tão insignificantes, mesmo para o tempo em que existiram, tão insignificantes para o resto do mundo, que as próprias civilizações ligadas à região a ela não fazem referência. E os reis gregos que se reuniram para empreendê-la eram ainda mais insignificantes que Tróia. A Grécia não se tinha lançado na sua civilização; era um conjunto de pequenos chefes, pequenos reinados, senhores de alguns palácios e algumas terras... Então a pergunta é: por que razão uma guerra entre cidades tão sem importância teria ficado na história da humanidade como sendo uma das mais comentadas até os dias de hoje? Poucas são as que deram tanto o que falar.

A razão é porque particularmente os gregos davam importância a algum episódio histórico de seu povo somente se este pudesse ser transformado num mito. Na medida em que desse episódio histórico

se pudesse extrair uma mensagem universal, ou significação não apenas psicológica para a vida de cada um, mas transcendental, que apontasse uma meta religiosa, então sim, tinha sentido ser do conhecimento dos gregos. E é esta a razão que fez com que aquela guerrinha — que de fato, no plano das coisas factuais, do que acontece na história da humanidade, nesse plano, do corriqueiro, foi irrelevante — se tornasse, devido à significação extraída dela, talvez, a guerra mais falada na história da humanidade...

Certa vez houve no Olimpo uma competição para saber qual deusa era a mais bela; Afrodite foi eleita tendo por isso que cumprir o que havia prometido ao juiz, Páris, imortal e filho do rei de Tróia: o amor da mulher mais bonita do mundo. Depois de muito procurar, encontrou essa mulher, porém, já casada... Era Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta. Ora, como a palavra de uma deusa não poderia deixar de ser cumprida, ela arquitetou uma trama que fez com que Páris fosse a Esparta visitar Menelau amistosamente. Nessa ocasião, Menelau teve

que se retirar da corte para atender outros compromissos, e quando retornou viu que sua mulher, a rainha Helena, havia partido com Páris para Tróia.

Helena, filha única de Tíndaro, era tão linda, tão formosa que, quando em idade para se casar, muitos eram os pretendentes. A dificuldade de Tíndaro estava em escolher a quem, de todos os príncipes da Grécia, ofereceria em casamento sua bela filha, pois todos eles seriam reis e os não escolhidos, certamente, tornar-se-iam seus inimigos. Era este um grave problema para Tíndaro... E tanto a história factual como a lenda, essa história nos revela.

Tíndaro chegou a reunir em sua corte noventa e nove pretendentes à mão de Helena; entre eles estava aquele que se tornaria um dos homens mais inteligentes da Grécia: Ulysses.

Este logo percebera que não teria chance alguma de ter Helena como mulher mas, na corte, em meio àquelas moças, avistou a prima de Helena, uma jovem extremamente formosa chamada Penélope, e pensou consigo mesmo: "... Helena já não levo, mas Penélope sim..." O que de fato conseguiu apresentando a Tíndaro o seguinte plano: "Eu compreendo o seu problema, compreendo perfeitamente que você, entregando sua filha a um desses candidatos, a um desses pretendentes, terá depois todos os demais contra você e serão seus inimigos. Para que isto não aconteça, sugiro que não seja você, Tíndaro, quem faça a eleição e sim Helena. Reúna todos os pretendentes e diga que quem fará a escolha será ela e que todos deverão se conformar com sua vontade; e mais que isto, todos, mesmo os não escolhidos, deverão fazer um pacto para defender Helena a vida inteira, ante qualquer ameaça que possa advir a ela."

Os pretendentes ficaram entusiasmados com a idéia e se realizou o pacto em torno de Helena. A partir daí começa realmente a história da civilização helênica, civilização esta que leva seu nome pela grande importância que teve para a história da Grécia.

Helena é um nome de origem fenícia, como quase todos os nomes da religião grega e, nessa origem fenícia Helena ou Selene significa Lua. Lua é a região das almas, Lua indica os planos superiores, os planos da criação acima do nosso plano. Nós aqui vivemos no espaço e no tempo, no plano da criação chamado espaço e tempo, com todo este universo, com todas as galáxias, com todo o infinito do tempo e do espaço; é um dos muitos planos da criação e, acima deste, há uma infinidade de outros. O plano da Lua é superior ao nosso, e é daqueles, lá do alto, que o homem cai vivo. À história da queda do homem, à lenda do mito da expulsão do Paraíso, do Paraíso Perdido, todas as civilizações fazem alusão.

A queda do homem se refere a essa "queda" de um plano mais elevado para este, mergulhando no espaço e no tempo. E aqui, tudo quanto o homem sabia dos planos de cima, de algum modo foi esquecido, mas ficou no inconsciente, e uma coisa ou outra desperta confusamente à lembrança; confusamente porque os planos, as realidades dos planos de cima, são realidades além do pensável; nós não somos capazes de pensar tais coisas.

Ora, Helena significa esses planos de cima, portanto, uma meta religiosa. Os gregos fizeram então aquele pacto para defenderem esta meta religiosa, Helena... Assim, neste ponto a história da Guerra de Tróia passa a tomar uma feição mais relevante. Helena já não é apenas a figura de uma moça, de uma princesa que tinha casado com um rei, o rei de Esparta, mas significa algo imensamente maior. E o pacto não é mais entre os pretendentes e sim entre todos os heróis, os príncipes da Grécia que estavam prestes a se tornarem reis (de seu "reino interior"), se preparando para segurarem em suas mãos as rédeas de seus "destinos interiores" e, portanto, serem realmente homens, o que significa apurar cada vez mais aquela sensibilidade para a nostalgia dos planos superiores. Querem a eles retornar; e quanto mais aguçada for a sensibilidade das pessoas para esses bens impensáveis, sobre os quais nossa razão nada pode dizer, maior será a busca daquela coisa procurada que não sabemos o que é. Na verdade todos os seres humanos têm a vontade de ir à busca de alguma coisa, busca que encontramos presente em todas as literaturas, seja em demanda do Santo Graal, em demanda do Tosão de Ouro, em demanda do Preste João... sempre em demanda de alguma coisa, ir à busca, atirar-se àquela aventura, além do plano terreno. Nisto consiste a real educação do homem, desenvolvendo suas faculdades mais altas para poder apurar a nostalgia da pátria perdida. Sofrer nostalgia da pátria perdida, morrer de nostalgia, é não se conformar com os bens deste plano, não construir neste plano terreno a morada definitiva. Nós estamos aqui de passagem, aqui somos peregrinos em busca de uma realidade maior. Apurar em nós essa vontade de busca é o que de fato se chama educar a pessoa... Ora, os gregos fizeram um pacto para defender "Helena" ao longo de toda a história da Grécia, desde 1.500 anos a.C., até quando finalmente Alexandre Magno tomou conta da Grécia e, depois dele, os romanos. A Grécia nunca foi uma comunidade única. Jamais! Sempre foi um conjunto de pequenos estados, pequenas cidades, pólis, cada qual com seu reino, com seu governo autônomo. O que unia a Grécia, já que cada reino era independente, com sua própria economia, política, sua maneira de viver? Era justa-

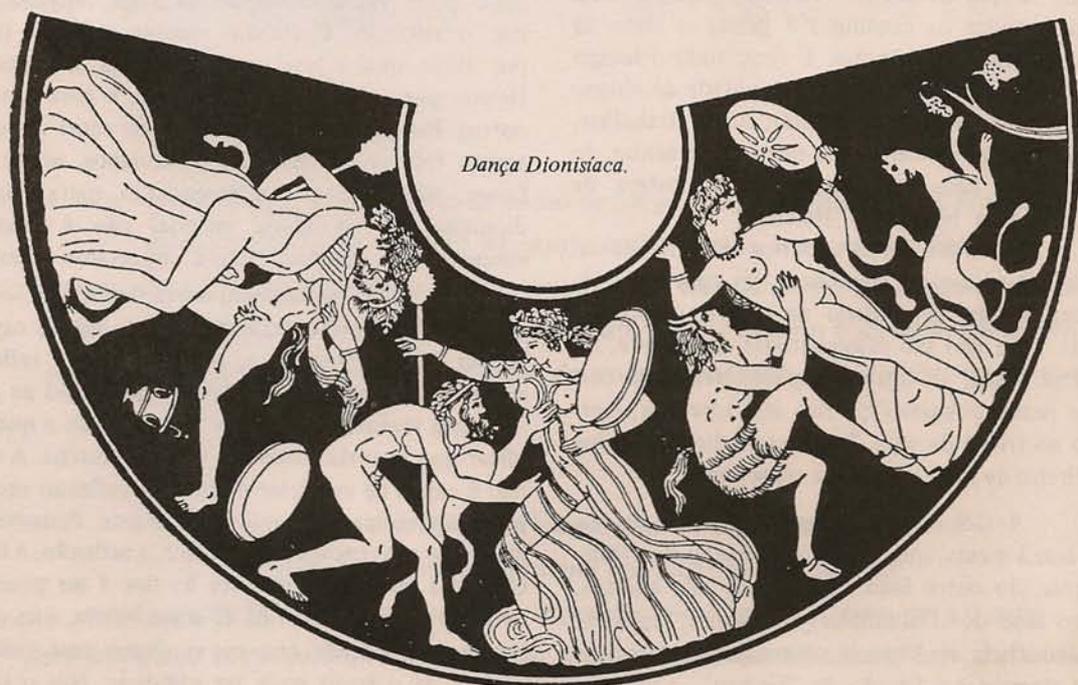
mente aquele pacto para a defesa de Helena, a defesa da meta religiosa... E este foi o centro, o eixo em torno do qual gravitou toda a história da Grécia. Essa certeza de viver em função de "Helena", essa convicção, não vem da faculdade racional, do raciocínio. Salomão costumava dizer que "Os pensamentos profundos brotam do coração". David, em um dos Salmos diz: "... de meu coração brotou um pensamento profundo..." O que ele chama de coração? Nosso centro, onde reside nosso ser imaginário; nosso arquétipo primitivo, nosso ser verdadeiro. Dali é que brota a convicção em "Helena", pela qual nós podemos viver se quisermos. Essa convicção não nos vem portanto do raciocínio, mas sim desse impulso, que nos atrai para a aventura, posto que é uma aventura...

Quando fazemos um plano de vida baseado em nosso raciocínio, por exemplo, passar quatro ou cinco anos estudando isso ou aquilo e projetar assim o futuro num plano metódico e disciplinar, isto não é propriamente uma aventura; é um esquema racionalizado que vamos tentar seguir para nos adaptar às solicitações do mundo. O que é importante, sem dúvida, mas não devemos confundir os planos diversos em que vivemos, pois cada um de nós vive em uma porção de planos diferentes ao mesmo tempo. Todos estes planos se agrupam em dois blocos, e que na Grécia resultaram nos dois cultos mais importantes: o culto de Dionísios, e o culto de Apolo, representando assim as duas tendências fundamentais da natureza humana.

Todos nós temos uma tendência apolínea, isto é, procuramos ver as coisas muito claras, perfeitas, cartesianas, conhecer as causas dos fatos acontecendo, saber quais os programas de vida, etc. Tudo que é perfeitamente bem delimitado, bem delimitado, provém da tendência apolínea. Nessa tendência funciona nosso raciocínio, e essa faculdade racional é importantíssima para o ser humano. Porém, ao lado desta, temos a outra, a tendência dionisíaca, que brota do nosso impulso à busca do Absoluto. Nós, seres humanos, somos, em essência, um ímpeto em busca do Absoluto. Todo o restante que possuímos são coisas importantes mas são instrumentais, poderão ser usadas ou não para servirem a este ímpeto. As coisas do mundo terreno nunca nos satisfazem completamente, ainda que possamos ter o que almejamos. Sonhamos e, depois de muito trabalho, conseguimos, e no mesmo momento já estamos querendo outra coisa, ou querendo mais. Nunca poderemos nos satisfazer com os bens que esta terra nos oferece; mas existe a busca de outros planos, a tendência dionisíaca.

Quantas vezes, para poder atender o impulso dionisíaco, tivemos que embarçar o programa apolíneo de nossa vida rotineira! Quantas vezes nós mesmos atrapalhamos e nos roubamos das coisas quotidianas porque estávamos sendo levados à busca de uma meta mais alta, atendendo a esse ímpeto que, de maneira lúcida ou não, todos temos!

Vivemos nos adaptando às coisas deste mundo, até que às vezes, em certas pessoas, em algu-



mas mais que outras, brotam estranhas inquietudes. Se começarmos a atentar a essas inquietações, fortes às vezes, vamos atrapalhar nossos estudos, nossa profissão, nossa maneira de vida, nosso relacionamento com o social. E quantas vezes tais inquietações são fortes demais a ponto das pessoas serem encaminhadas a psicólogos ou algum médico que, procurando adaptá-las às condições sociais, cortam suas asas.

Essas inquietudes são nossas asas começando a crescer em nossas costas e incomodam de fato, incomodam nossa vida, prosaica, rotineira, porque num relacionamento social, na etiqueta, não cabe manifestarmos essas inquietações. Então, muitas vezes, as pessoas ficam tão aborrecidas com elas que pensam: estou doente, estou ficando doente, meio louco, preciso me tratar; quando na realidade seria preciso erguer a sociedade humana acima das suas trivialidades permitindo conquistar esses anseios do Absoluto. Se nós os alimentarmos, então nossas asas estarão crescendo cada vez mais vigorosas podendo abri-las para a Realidade Maior, e recolhê-las novamente, a fim de prosseguir com nossos encargos na vida quotidiana. Podemos certamente fazer isto. Essa inquietação para abrir as asas no grande mundo verdadeiro é a tendência dionisíaca, que contraria os programas apolíneos. Essas duas tendências, que todos temos, brotam da nossa natureza humana e, portanto, são necessárias e boas, ainda que muitas vezes estejam em conflito uma com a outra.

Ora, ter em nós a capacidade, a convicção em "Helena" é, então, fazer com que nossa vida esteja em função de atingir "Helena". Não é apenas ir à missa todos os domingos e passar o resto da semana chorando o próximo. É fazer tudo o tempo todo, porém impregnado daquela vontade de chegar à "Helena". Na maneira de respirar, comer, trabalhar, de cumprimentar os outros, na maneira de sentar, de dormir, fazer tudo mergulhado na atmosfera da vivência de ir à busca de "Helena".

Mas a tendência apolínea não entende de "Helena". O raciocínio claro quer ver com olhos vivos, quer provar, demonstrar na ciência como são as coisas. E se não são demonstradas claramente, há quem diga: "não, eu sou um espírito científico, não acredito nessas bobagens"; e fica sem acreditar, mergulhado no trivial da vida. Tem todo o direito. Todos têm o direito de levar a vida que quiserem...

A Grécia representava um grupo de reis que viviam à busca, que viviam em função de "Helena". Tróia, do outro lado do mar, do lado asiático, do outro lado dos Dardanelos, na planura, representava a tendência apolínea, e olhava para a Grécia e via esta vivendo em função de "Helena", e pensava consigo: mas que será essa história de "Helena"?

É que nosso raciocínio é extremamente curioso. O raciocínio é feminino — sem falar mal das mulheres. Lembro que no mito da Criação do Mundo — como diz no *Gênesis* — havia duas árvores: a Árvore da Vida e a Árvore da Ciência. A Árvore da Vida era a da vivência, dionisíaca, ao passo que a da Ciência era apolínea. E Eva foi tentada a explicar, com sua razão, as vivências dionisíacas. Aqueles que querem explicar com a razão fazem morrer toda essa vivência, sendo expulsos do Paraíso. Isto ocorreu com Tróia que queria saber, sendo apolínea, que história era aquela, de que se tratava "Helena". Foi assim que mandou Páris até Esparta para raptar Helena e trazê-la para as planuras troianas.

Muitas vezes acontece conosco, em certas épocas de nossa vida, estarmos vivendo em função de "Helena", mas em grande e profundo sonho. Mas é sonho... contudo acreditamos nele e o temos como prova. Todavia, alguma coisa em nós começa, de repente, a se revoltar contra isso: "você está louco! está perdendo anos por esses sonhos! a vida é outra coisa! a realidade é outra! veja, abra os olhos! está perdendo tempo! está perdendo ocasiões, oportunidades!" Nossa razão quer explicar. Não quer saber de sonhos; então, quando nossa razão penetra nessas regiões dionisíacas, somos expulsos desse Paraíso. No fundo, esta é uma das maneiras de se compreender a história da Guerra de Tróia, onde esta representa o apolíneo e a Grécia representa o dionisíaco. Tróia, tendo o raciocínio curioso, foi raptar Helena, trazendo-a para a planura. Todavia, o nosso raciocínio pode pegar o objeto da meta religiosa, mas não o entende. E Helena chegou a Tróia, levada por Páris, que a teve, mas logo dela se enjoou, e Helena passou para os irmãos dele, e para outros e outros. Passou de mãos em mãos, de cama em cama, aquela Helena da Grécia... Os troianos, sendo apolíneos, não podiam compreender a meta religiosa dionisíaca. A faculdade racional não é capaz de entender essa realidade. Isto é importante sabermos!

Ora, há também nessa simbologia, outros aspectos: vivência e reflexão. Todos somos capazes de ter certas vivências e, posteriormente, reflexão. A uma pessoa que esteja vivendo em estado de amor — é uma vivência — às vezes, vem a razão e quer explicar que história é essa... e o amor murcha. A razão não é capaz de entender o amor. A reflexão vem depois da vivência, e é muito importante. Podemos até dizer que a vivência é como a flor, a reflexão, o fruto. Uma das qualidades maiores da flor é ser promessa de fruto. Porém, a flor dá de si sua beleza, suas cores, seu perfume, e não tem em si mesma uma utilidade prática. Já o fruto pode ter utilidade. Nós o comemos, para saciar um pouco nossa fome.

Amiúde, já que a reflexão é mais útil que a vivência, forçamos o processo de refletir sobre a vivência para podermos colher a utilidade de ter havido flor. Na verdade, se nos conhecêssemos um pouquinho mais fundo, deveríamos tudo fazer para que, cada vez que brotasse uma flor em nosso viver, ela perdurasse o máximo tempo possível. Quanto mais longa a vida da flor em nós, mais estaremos nos desenvolvendo em regiões misteriosas, que não sabemos explicar, mas realmente crescendo em regiões mais profundas do nosso ser. Aqueles que vivem com pressa de poder colher o fruto matam logo a vivência, para que a reflexão traga utilidade. Conseqüentemente, dificultam seu próprio crescimento.

Quando Helena foi raptada, Menelau soltou um brado chamando à guerra, chamando à luta todos aqueles seus velhos companheiros. E não é que aqueles heróis todos vieram correndo. Não, pelo contrário! Foi difícilimo trazê-los todos. Fizeram o que podiam para fugir da guerra; e até Ulysses fingiu ser mulher e ficou nas dependências destas, dias e dias, para que não descobrissem onde estava! Enfim, usaram toda a sorte de estratagemas. Mas, finalmente, compreenderam que era preciso lutar por Helena e foram para a guerra.

A guerra levou dez anos. Os gregos, junto à praia, e lá adiante a cidade de Tróia, cercada de altas muralhas e, atrás da praia, no mar, os barcos. Dez anos de lutas contra aquela cidade que não se rendia de forma alguma; havia batalhas, avanços, recuos, toda sorte de pelepas. Mas muitas vezes não acontecia luta nenhuma. E os gregos se aborreciam, iam embora. Não tinham o que fazer. De vez em quando organizavam-se algumas partidas: um grupo de gregos saía daqui e saqueava a vila lá adiante; outros saqueavam outra cidadezinha do interior. Era brincar um pouco para ter o que fazer...

Agamenon — irmão de Menelau — nomeado chefe dos gregos, certa vez, participando numa dessas “aventurinhas”, saqueou uma cidade próxima e, entre os depojos, trouxe uma linda moça para seu próprio divertimento; chamava-se Criseide. Aquiles, filho de Peleus e Thétis, também saiu em busca de aventuras e devastando um lugarejo raptou uma bela jovem, Briseide. Só que Aquiles apaixonou-se profundamente por ela, que se tornou a grande razão de sua vida. Aquiles amava Briseide sinceramente, ao passo que Agamenon tinha em Criseide apenas um brinquedo para algumas horas de prazer.

Pouco tempo depois, chegou ao acampamento dos gregos um sacerdote de Apolo que, horrorizado, disse: “Vocês cometeram um sacrilégio horrível! Esta moça, Criseide, é minha filha; portanto, devolvam-na imediatamente”. Agamenon recusou-se.



Tétis recebe de Hefesto as novas armas para Aquiles.

O sacerdote insistiu. Agamenon não deu ouvidos.

Diante da recusa, o sacerdote de Apolo ameaçou: “Se vocês não devolverem Criseide, verão o que acontecerá ao exército grego”. De repente, coisas horríveis assolaram o exército grego. Os companheiros de Agamenon reuniram-se e solicitaram para que devolvesse a mulher, que procurasse outra; porém Agamenon obstinado disse: “Não! É esta que eu quero.”

O sacerdote retirou-se do acampamento e três dias depois o exército foi acometido por uma peste. Novamente os soldados se reuniram e instaram a Agamenon para que devolvesse Criseide. Outra recusa. Mais perdas no exército.

O tempo passava mas um dia Agamenon propôs: “Bom, somente devolverei Criseide se for atendido em uma condição — que Aquiles me ceda Briseide”. Aquiles, enfurecido respondeu: “Briseide não! Eu a amo!” Diante da recusa, Agamenon não quis devolver Criseide e com a peste se alastrando cada vez mais as coisas pioraram. Finalmente Aquiles concorda em ceder Briseide, e Agamenon devolve Criseide a seu pai.

Para entendermos este episódio, temos que nos lembrar do seguinte: este é o relato de que nos fala Homero em seu livro chamado *Iliada*, que não é a história da Guerra de Tróia e sim a de um pequeno fato ocorrido na Guerra de Tróia, em seu último ano, o décimo, em que acontece a luta entre Agamenon e Aquiles. Quando termina a luta, acaba a *Iliada*, não a Guerra de Tróia.

Por que será que Homero deu tão grande importância a esta disputa entre os dois comandantes gregos? Agamenon era o chefe, sem dúvida. Era o cabeça. Mas Aquiles era tido como um dos heróis de maior prestígio, pois os oráculos haviam dito várias vezes que, sem a participação de Aquiles, os gregos não poderiam vencer a guerra. Para entendermos isto faz-se mister considerar que todo exército grego era uma pessoa, e uma pessoa tem cabeça, tem coração e tem vontade. Cada um de nós tem essas faculdades, simbolizadas pelos vários chefes gregos. Um representava o coração, outro o estômago... outro a vontade. Aquiles foi o herói grego que representou a vontade, o ímpeto de seguir aquilo que a inteligência diz que está certo. É nosso impulso em busca de um bem intelectual.

Ora, Agamenon gera a inteligência e, quando esta aponta um bem intelectual, nossa vontade, naturalmente, tende a ir buscar esse bem apontado. Como pode haver briga entre Aquiles e Agamenon? Como pode haver briga entre vontade e inteligência? É um caso psicológico muito curioso, de grande sutileza. Nossa inteligência nos apresenta bens intelectuais e, para estes, nossa vontade inclina-se naturalmente. Acontece que, às vezes, nossa inteligência é maliciosa e começa a argumentar e fazer mil rodeios para chegar a uma conclusão que a própria inteligência sabe estar errada, mas gostaria que fosse certa. Quantas vezes nos acontece tomarmos alguma atitude na vida que sabemos estar errada. Nesse momento começamos a tecer várias teorias para justificar o que fizemos. É muito comum imaginarmos uma porção de teorias para justificar aquilo que queremos, torcendo a verdade. Porém, nossa vontade tem sua própria inteligência, que é uma das coisas mais profundas. Este fato é muito bem explicado na arte sephirótica da Cabala judaica, onde se afirma que a inteligência própria de nossa vontade nunca mente e nunca se engana! Quando a vontade percebe que um bem intelectual apresentado é falso, errado, mentiroso, nega-se a aceitar, nega-se a aderir, e surge, então, a luta entre nossa inteligência e nossa vontade. Quantas vezes apresentamos distúrbios emocionais, doenças, desequilíbrios nervosos, durante anos, causados por este conflito: nossa vontade não está querendo aderir ao bem intelectual apresentado

pela inteligência, porque percebe a falsidade. É este conflito que Homero descreve, com uma clareza extraordinária: Aquiles, a vontade, não adere ao bem intelectual apresentado por Agamenon, a inteligência.

E quando na história Aquiles cedeu Briseide para atender à vida dos gregos que estavam morrendo, fez um pacto com Agamenon: que ele jamais tocasse nela. Por isso cedeu. Cedeu Briseide, mas retirou-se da guerra, não lutou mais. Ficou no acampamento com seus soldados, todavia assistiu de braços cruzados ao desenrolar da guerra. Ora, uma guerra onde a vontade não participa, é uma guerra perdida. Os oráculos já haviam dito que sem Aquiles não venceriam. Mas é claro, pois é a vontade que faz com que possamos vencer as coisas!

Aquiles se retira da luta, e daí por diante as batalhas são desastrosas para os gregos. Os troianos vão avançando; incendeiam os navios; até que, finalmente, o amigo do peito de Aquiles, não resistindo ver os gregos naquela situação, pede licença a seu amigo para entrar na luta com as armas de Aquiles. Estas armas eram especiais, pois Thétis — mãe de Aquiles e deusa dos oceanos — as tinha encomendado a Hefesto, deus do fogo. Então, com estas armas invencíveis, o amigo de Aquiles entra em combate conseguindo vencer algumas batalhas, mas acaba morrendo. Aquiles assiste de longe à morte de seu amigo. De fato, isso foi demais para ele...

Aquiles vai à tenda de Agamenon e diz: "Estamos brincando com coisas muito sérias. Vamos acabar com estas brincadeiras e com nossas discussões. Você está errado e quero que pense certo para eu poder agir de acordo com suas ordens." Agamenon concorda. Aquiles retorna à luta e faz com que os gregos vençam a guerra. Aquiles morre antes da guerra terminar. Morre com uma flexada no tornozelo, único lugar onde não havia sido banhado pelas águas de cima. Esta é a história que Homero nos narra. A *Iliada* termina neste momento, sem contar o fim da guerra de Tróia, sem contar de que maneira Ulysses, aquele homem esperto, homem inteligente, dos mil estratagemas, inventou a história do cavalo de Tróia onde, após entrar na cidade, com os gregos dentro dele, venceu-a.

É muito curioso ver Aquiles e Ulysses. São os dois grandes heróis contados por Homero. A história de Ulysses é contada na *Odisséia*, onde poderemos ver a história de cada um de nós, mas isso é motivo para outra conversa... Muito obrigado.

IGNÁCIO DA SILVA TELLES
Palestra proferida em 1981.

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118